

A MORENINHA

de Joaquim Manoel de Macedo

Comédia musical de Morcel Silveira e Cláudio Petráglia

PRÓLOGO

Abertura musical. Projeções: paisagem da época, 1844, Rio de Janeiro; uma casa típica, exterior; seu interior, um quarto de estudante. Tobias, negro escravo de Augusto, muito enxerido, ebozinho à espera do patrão, faz mímica como se fosse um dos estudantes em baile requintado. Vai colocar uma cartola na cabeça...

AUGUSTO (Fora) - Tobias! Ó Tobias!

TOBIAS (Arrumando tudo às pressas) - Pronto!

AUGUSTO - Ajude aqui!

TOBIAS (Enroscado com as coisas) - Prontinho! Já vô!

AUGUSTO - Que está fazendo aí, moleque sem vergonha?

TOBIAS - Tô indo! Prontíssimo!

(Augusto entra, quase o surpreende na marotagem, dá-lhe uma leve bengalada, tira a capa, vem de sarau elegante. Tobias se desvia ligeiro).

TOBIAS - Seu Ôgustu! Pur São Biniditu!

(Diante da cara cômica que êle faz, Augusto se desarma e vai ao espelho).

AUGUSTO - Mas eu sou mesmo um Don Juan desalmado!

(Augusto se admira ao espelho enquanto Tobias o imita à socapa e Felipe, entra, ouvindo o comentário de Augusto).

FELIPE - Dêsse teu convencimento eu já estou é cansado. (Dá um cotucão em Tobias por causa da irreverência da imitação, que êle percebe).

TOBIAS - Discurpi, seu Filipi! (Continência).

(Entra Fabrício. Atrás dêle, correndo, Leopoldo).

FABRÍCIO (Procurando algo para comer) - Estou esfomeado!

LEOPOLDO - E eu, apertado. (Corre e sai para o quarto vizinho).

TOBIAS (Reverências cômicas sucessivas) - Seu Fabriçu, prontinho! Prontíssimo, seu Leopoldu! A comida está aqui, e o pinico lá. (Bate a mão na cabeça) - Não aqui. (Pega enorme pinico embaixo de uma cama e sai correndo por onde saiu Leopoldo).

(Fabrício come desabaladamente. Felipe começa a pôr-se à vontade, enquanto Augusto não cansa de admirar-se ao espelho).

AUGUSTO - Não sei o que eu tenho, que as meninas não resistem! Hoje no baile tive quantas quis.

FELIPE - Uhn! Que pedante. Vô se dorme logo, que amanhã bem cedo vamos para o domingo em Paquetá. É dia de Santana e minha avó não me perdoa se não aparecemos.

AUGUSTO - Mas o interessante, meus pobres infelizes azarados com mulheres. (Fabrício grunhe, sem parar de comer),

AUGUSTO - é que eu não quis nenhuma. Tornei-me insensível, invulnerável.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

LIVRE



FELIPE - Esta é demais, o Augusto é um purgante!

LEOPOLDO (entrando, abotoando-se ainda) - Não tomei não.

FABRICIO - Ó Tobias, estas empadas não deram para nada!

TOBIAS (reaparecendo serelepe) - Prontu, prontinhu!

FABRICIO - Traga alguma coisa mais forte - umas bombas...

TOBIAS (saindo pelo outro lado) - Ih!... Fomi di istudenti... Já sei, prontíssima!

FELIPE - Quer dizer, Augusto, que você tem certeza de que nunca se apaixonará por mulher nenhuma?

AUGUSTO - Apaixonar, eu? Isso é para bocós como vocês, que ficam babando com qualquer rabo de saia.

FELIPE - Pois eu acho que você é igualzinho a nós. De repente, vai ver em menos de um mês está aí caidinho, suspirando, idiota - quer dizer, apaixonado.

AUGUSTO - Ei, Felipe? Você está louco.

FELIPE - Sou capaz de apostar.

AUGUSTO - Ei também. Pois apostemos.

LEOPOLDO E FABRICIO SE CONGREGAM PARA TESTEMUNHAR A RIXA.

FABRICIO - Eles vão apostar!

TOBIAS ENTRA COM BOMBAS ACESAS E JOGA-AS PELO QUARTO.

TOBIAS - Prontu, prá matá fomi di istudenti, só bomba! (Elas explodem, fazem bader na, enquanto Fabricio expulsa o negro com um empurrão, a música entra).

FELIPE - Então vamos apostar.

AUGUSTO - E eu vou ganhar.

FELIPE - Por escrito.

LEOPOLDO - Certo. Para que não fique o dito por não dito. (começa a escrever).

TOBIAS (Voltando) - Uma aposta? Qui bosta!

AUGUSTO - Eu, em menos de um mês me apaixonar? Ah! Essa eu vou ganhar.

FELIPE - Você diz isso porque não conhece minhas primas.

TOBIAS - Elas tão lá, em Paquetá...

AUGUSTO - Tuas primas, e daí? Se puxaram por ti...

FELIPE - Você ainda não conhece minhas primas...

LEOPOLDO - Eu conheço. Meu Deus, meu Deus, que meninas!

FELIPE - A mais velha se chama Joaninha, tem olhos e cabelos negros, e é pálida.

TOBIAS - Amarela.

(Fabricio o ameaça com gesto).

FELIPE - Outra, a mais nova, se chama Joaquina - para os íntimos, Quinquinha - e é loira.

LEOPOLDO - Loira, e que nome, Quinquinha!

TOBIAS - Até mi faz cosquinha.

AUGUSTO - Mas se não me engano, além delas, lá estarão outras donzelas.

FELIPE - Que não contam: minha noiva Clementina, e minha irmã Carolina.

LEOPOLDO (Num súbito entusiasmo, cantando) - A moreninha! (Segura a b...)

TOBIAS - Uma uvinha...

LIVRE



FELIPE - Está bem claro que a liberdade que dou a você em Paquetá vai somente até minhas primas. Minha noiva é minha noiva, e minha irmã... bem, minha irmã é uma criança.

TOBIAS - Dus demôniu!

LEOPOLDO - Coitado do Augusto, que lindas meninas vai perder! E tôdas devem ter be lo dote!

FELIPE - Bem, vamos à aposta.

OS OUTROS - À aposta!

FELIPE - Leopoldo, pode ler.

LEOPOLDO (Cantando como recitativo grotesco) - Aos 20 de julho de 1844, sendo tes temunhas os estudantes Leopoldo e Fabrício resolveram Augusto e Felipe, estudantes também, apostar que...

FELIPE - ... se até o dia 20 de agosto do corrente ano de 1844 Augusto permanecer apaixonado pela mesma menina durante 15 dias ou mais será obrigado a escrever uma comédia musical, em que tal acontecimento confesse, e...

AUGUSTO (Interrompendo) - E em caso contrário, igual sofrerá Felipe. Você!

FELIPE - Apostado! (Estende as mãos).

AUGUSTO - Apostado. (Junta suas mãos as dêle).

LEOPOLDO E FABRÍCIO - Apostado. (Juntam as mãos os quatro).

AUGUSTO (Libertando as mãos e jogando tôdas para cima). - Viva a inconstância!

OS OUTROS (Segurando as mãos dêle novamente) - Morra!

AUGUSTO - Viva a infidelidade! (Libera-as de novo).

OS OUTROS (Segurando novamente) - Morra!

TOBIAS (Num aparte que os outros ouvem) - Viva a mulherada di Paquetá!

ENTRA O TEMA PAQUETÁ-PAQUETÁ EM RITMO ACELERADO, MARCANDO A PERSEGUIÇÃO QUE OS RA-PAZES FAZEM ATRÁS DE TOBIAS PARA PUNI-LO DO ATREVIMENTO. MAS O NEGRO É LIGEIRO E SE ESCAFEDE PELA PORTA AO FUNDO. OS RAPAZES CANTAM:

I

Paquetá, Paquetá
Amanhã vamos lá
Tem cajú abricó cambucá
E garotas prá gente gostar
Paquetá, Paquetá...

II

Paquetá, Paquetá
Custa tanto a chegar
E o vento em vez de ajudar
Manda as ondas prá nos perturbar
Paquetá, Paquetá...

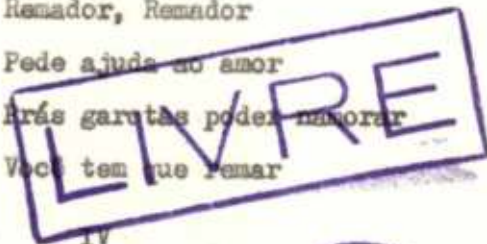
III

Remador, Remador
Vai depressa prá lá
Que na ilha alguém
A esperar sempre tem...
Remador, Remador
Pede ajuda ao amor
Prás garotas poder namorar
Você tem que remar

IV

Paquetá, Paquetá
Amanhã vamos lá

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Tem cajú abricó cambucá
E garotas prá gente gostar
Paquetá, Paquetá...

V

Paquetá, Paquetá
Se eu chegar vou ficar
Vou deitar lá na praia bem
Pois eu sei que você ama
Paquetá, Paquetá...

VI

Remador, remador
Vai depressa prá lá
Que na ilha alguém

A esperar sempre tem...
Remador, remador
Pede ajuda ao amor
Prás garotas poder namorar
Você tem que remar
Remador, remador
Como cansa remar
Vale a pena sofrer
Para o amor conquistar

VII

Paquetá, Paquetá
Vamos indo prá lá
Tem garotas prá gente gostar
Paquetá, Paquetá...

(Perde transparência a cortina Paquetá e vê-se a paisagem da ilha, fechando a casa de Donana, avó de Felipe).

PRIMEIRO ATO

À frente da cortina de Paquetá, espichado no chão, muito amodorrado e dengoso, o negro Rafael, escravo de Donana e servidor especial de Felipe. Ele pega a deixa final da barcarola, e emenda-a a seu modo, para rematar cantando muito molemente:

RAFAEL -

VIII

Paquetá, Paquetá
Como é bão 'spiguiçá
Tem piguiça aqui in Paquetá
Quânu péga na genti ó sinhá
Nunca mais qué sortá...

IX

Paquetá, Paquetá
Como é bão 'spiguiçá
As mulata daqui ó sinhá
Só num qué é mi amá
Paquetá, Paquetá...

(A cortina se torna transparente revelando a intimidade de Joanhina e Quinquinha no quarto de toilette. Elas acabam de enfeitar-se muito devagar, muito molemente... Depois chamam:)

QUINQUINHA - Paula!

JOANINHA - Paula!

QUINQUINHA - Venha cá!

(Muito sosegadamente, Paula entra).

QUINQUINHA - Venha fazer minha trança. Mas capriche, olhe lá!

LIVRE



PAULA - Sinhá, hoji vai tã dança?

QUINQUINHA - De vez em quando um sarau não é nada mau.

PAULA - Vem muntu moçu du Riu?

JOANINHA - Paula, você me cansa!

QUINQUINHA - Acabe logo minha trança.

PAULA - Daqui a pôcu... inda num dá. Vem muntu moçu du Riu?

JOANINHA - Sua língua tem um fio! Largue daí, venha cá.

(Paula vai obedecer, Quinquinha a segura).

QUINQUINHA - Paula! Vá buscar o cheiro!

JOANINHA - Não, a mais velha primeiro. (tenta puxar Paula, Quinquinha intervém, as duas discutem, erguem a voz. De fóra Donana adverte:).

DONANA - Mas o que é isso, meninas?

JOANINHA - Ccht! (Para Quinquinha) - Você me paga depois!

QUINQUINHA - E você me paga por dois.

JOANINHA - Ai, que calor, que calor! Depressa Paula, me abana.

QUINQUINHA (Proibindo) - Paula, eu chamo Donana!

(As duas ficam ameaçadoramente encarando Paula, que tem de tomar sua decisão habitual: velozmente, põe-se a atender as duas ao mesmo tempo... Voltam a paz, a preguiça e ao devaneio).

QUINQUINHA - Os colegas de Felipe como serão?

JOANINHA - Não fale niseo, mana, até esfria a mão.

QUINQUINHA - Mimosinha, santinha, sempre desmaiando... Eu não, prá namorar é que estou me preparando. Não estou bem certa se hei de me casar, mas garanto que eu quero namorar!

JOANINHA - Não fale isso alto, podem nos ouvir, mana.

DONANA - Paula, ó Paula!

PAULA - Com licença, é Donana!

(As duas a seguram, obrigam-na a continuar).

QUINQUINHA - Então, Joaninha, "êlé" é colega de Felipe?

JOANINHA - Quinquinha, não me fale não me obrigue, por favor. Será melhor que eu me cale. Que eu cale meu grande amor!

QUINQUINHA - Calou agora, Joaninha? Agora que já falou? Agora que já sabemos que você se apaixonou?

PAULA - Bem qu'ieu disconfiava, aquêlis ar paradu...

QUINQUINHA - Aquelas vertigens, aquêlé olhar melado...

PAULA - I tudus aquêlis fricoti...

QUINQUINHA - E novos panoramas no decote...

JOANINHA - Era tudo tão discreto! Ninguém, mas ninguém sabia do nosso caso secreto. E agora o Felipe havia...

QUINQUINHA - Conte! Como é o colega do priminho!

JOANINHA - Se você visse! Tão bonitinho!

QUINQUINHA - E êle se chama?



JOANINHA - Fabrício.

QUINQUINHA - Vai ver é algum estrupício.

JOANINHA - Mais respeito! Não admito! (Tenta reação, sente-se mal, abana-se, novamente tomada pela preguiça) - Depois eu te passo um pito...

QUINQUINHA (Distendendo-se também) - Depois!... Só quero ver essa hora... (Momento de trégua, Paula vai amolecer...).

DONANA - Paula! Mas que demora! (Paula desperta, livra-se das duas, corre para o salão, onde Donana, no sofá, está entre dormida e acordada, fazendo seu crochê. Quinquinha e Joaquina desvanecem...).

PAULA - Discurpi, Donana, mais dona Joaquina e dona Quinquinha num deixava eu vi, as sinházinha. Arrumei elas, ficaram tão bunitinha!

DONANA - Está bem, está bem, mas venha agora me coçar o pé. Ah! Também quero um bom cafuné.

PAULA - Agora, um cafuné? Mais Donana, qual dos dois primeiro a sióira qué?

DONANA (Consultando-se) - O pé... O cafuné... O pé... Primeiro cafuné.

(Paula começa a fazer o cafuné, devagarinho, e os olhos de Donana vão se cerrando e se entreabrindo, sonolentos. O ritmo mole do cafuné vem surgindo enquanto Paula canta sussurrando, com cuidado, para não afugentar o sono da sinhá...).

PAULA - Cafuné... Cafuné...

É di São Tomé

Vem di lá das Loanda

Tem cheirinho Zimbanda...

É lelê... É lelê...

DONANA (Entreacordando para seus deveres) - E os negrinhos? O curau já está pronto?

PAULA - Uma delícia, sinhá. Bem nu pontu!

DONANA - Uhn!... Vigie, Paula, é só com você que eu conto...

(Donana retoma o crochê, mas logo adormece quando Paula retoma também seu cafuné...).

PAULA - Cafuné... Cafuné...

É di São Tomé

Vem di lá das Loanda

Tem cheirinho Zimbanda...

É lelê... É lelê...

DONANA (Sobressalto) - Meu Deus! Deixei escapar o ponto!

PAULA - Num foi nada, sinhá. (Concerta) - Prontu!


(Donana retoma o crochê. Rafael passa ao longe, espiando Paula e fazendo sinaizinhos. Donana ergue os olhos e Rafael some na folhagem).

DONANA - Quem era? O Rafael, aquêlê tonto?

PAULA - Quar nada, sinhá, ôli tá lá fora, isperânu us moçu qui vem da côrta.

DONANA - Nada de namoros, Paula!

PAULA - Deus mi livri, sinhá!

DONANA - E não esqueça os quindins, as queijadinhas e os sequilhos. Quere...


os amigos de Felipe como filhos. Uhn! Mas e o cafuné? Vamos, Paula, quero mais!
(Paula retoma o cafuné. Agora Donana adormece de vez e Rafael se insinua na sala).
PAULA (Cantando e fazendo sinais para Rafael sumir).

Cafuné... Cafuné...
É di São Tomé
Vem di lá das Loanda
Tem cheirinho Zimbanda...
É lelê... É lelê...

RAFAEL (Ao fundo, tentando Paula, convidando-a para dançar)
Cafuné... Cafuné...
É di São Tomé...

PAULA (Não resistindo, vai a éli, e separados, dançam lentamente, preguiçosamente, como fôlhas de bananeira se abanando) - Vem di lá das Loanda
Tem cheirinho Zimbanda...

RAFAEL - É lelê... É lelê...

OS DOIS (Cantando e dançando enquanto começam a desvanecer)
Cafuné... Cafuné...
É di São Tomé

DONANA (Acordando) - É Carolina? Paula, onde está Carolina?
(Rafael se esconde e Paula acorre).

PAULA - Donana, eu num sei da minina!

DONANA - Pois procure. Deve estar na praia. De perto de mim não quero que ela saia.

PAULA - Vou correndo, sinhá!

(Sei depressa, fazendo sinal de que nada pode fazer por Rafael, que está escondido. Mas o calorzinho, e a musiquinha do Cafuné retomam e Donana de novo tira sua pestana. Rafael se esgueira para fora).

ESCURECE

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fones 226.0242 - CEP 90020-025

BALADA DA MORENINHA

(Estamos na pedra da Moreninha, que forma a Gruta do Amor, onde há a fonte Milagrosa. A Balada em fundo, Carolina está sentada no topo olhando o mar).

PAULA (Entrando) - Sinhá Carolina, Donana tá chamânu!

CAROLINA - Já vou.

PAULA - Ela tá braba, sinházinha. Vânu já!

CAROLINA - Está bem, já vou.

PAULA - Sinházinha num vai, dispois a nêga é qui apanha...

CAROLINA - Ma minha bé ninguém bate. Pode ir indo, bá, eu não demoro... (Atira-lhe um beijo).

PAULA (Sorrindo e apanhando o beijo no ar) - Essa minina! Essa minina!... (Sei)

CAROLINA (Canta a Balada da Moreninha).



I

Se eu pudesse como a gaivota
Riscar na distância o azul do horizonte
Sumir nas ondas de espumas brancas
Sentindo o vento pelo meu rosto
Como seu perfume de não sei onde...

II

Eu às vezes nem mesmo me entendo
Onde há sol eu enxergo luar
Sou tão só e tão triste na minha alegria
Eu hei, eu hei de amar!
Ninguém sabe, ninguém só o mar
No horizonte infinito alguém
Também está a sonhar o mesmo sonho...

III

Se eu soubesse quem vou amar
Quem será, que trará a resposta ao que pergunto
A flor precisa em flor abrir-se
Tantos caminhos eu tenho à frente
São tantos lenços a me acenar...

(Augusto entra, fica olhando para ela)

IV

Eu sobrinha estou presa em brumas
Quero o sol, o calor, quero o amor
Fui menina mas agora já sou mulher
Eu hei, eu hei de amar!
Se um dia o amor encontrar
Um sorriso terei no olhar
Os braços estenderei e serei tua!

(Carolina dá com Augusto)

AUGUSTO - Viva! Sou Augusto, colega de Felipe... E a senhora? Com certeza...

CAROLINA - Acertou. Carolina, colega da Rainha Maria Antonieta.

AUGUSTO - Dona Carolina, olhe que uma andorinha só não faz verão... (bebe a água da fonte).

CAROLINA - Ihn! Bebeu a água da fonte! da Fonte Milagrosa...

AUGUSTO - Que foi?

CAROLINA (Divertindo-se) - Nada, nada... Mas que o senhor cultivava a sábia adivinhadora dos ditados, lá vai outro: ANTES SÓ QUE MAL ACOMPANHADA! (Dá uma risadinha gostosa e sai).



(Fabrício chega pela praia e retém Augusto).

FABRÍCIO - Augusto, socorro! Preciso de duas palavrinhas com você a sós!

AUGUSTO - Pelo amor de Deus!

FABRÍCIO - Você me desgraçou, Augusto!

AUGUSTO - Estou começando a conhecer as moças da casa e lá vem você com os seus de lírios!

FABRÍCIO - Foi você o culpado de tudo, quando me arrastou a esta paixão romântica!

AUGUSTO - Eu? Nem sei do que se trata...

FABRÍCIO - É dona Joaninha.

AUGUSTO - Dona Joaninha, a pálida?

FABRÍCIO - Ela mesma. Eu a conheci no teatro. Ela estava num camarote, mandei-lhe recado pelo seu escravo, o Tobias...

AUGUSTO - Pelo Tobias? Então está perdido!...

FABRÍCIO - Meu romance com dona Joaninha é secreto, e disse o negro se aproveitou...

AUGUSTO (Rindo, puxando-o para o jardim) - Então você caiu nas mãos do Tobias ... coitado! Mas conta, vá lá!

(Sem).

TOBIAS (Entrando com Rafael) - E ê... num gostu di vê meu nomi avacaiado na boca dêssis brancu, t'isconjuru! (Arreia a bagagem que traz).

RAFAEL - T'isconjuru treis veis!

TOBIAS - Si num mi fáia as memória, Vossa Insolência é u siô Rafaé, ajudanti parti culá du dotô Filipi?

RAFAEL - Oia, nêgu, num vem co essas cumpricação qui us brancus num gosta da genti cumbersênu à tóa.

TOBIAS - Grandi coisa! I eu tenhu mêdu? Si êlis vié eu apricu meus contragórpi.

RAFAEL - Contra u quê? T'ixprica, nêgu, qu'eu num intendu essas palavras difrice. (Maxixe da Alforria).

TOBIAS - Intão, us brancu num dão us górpí na genti?

RAFAEL - Qui górpí?

TOBIAS - Num faiz a genti trabaiá qui nem burru?

RAFAEL - Faiz.

TOBIAS - I a genti ganha alguma coisa co'issu?

RAFAEL - Ganha.

TOBIAS - Num ganha, seu! A genti num ganha nada. Ganhá só trabáiu, i quem gosta di trabáiu é burru.

RAFAEL - Intão eu num só burru. Eu num gostu di trabáiu!

TOBIAS - Vossa Insolência é burru, sim sinhô, proquê num sabi dá us contra-górpí.

RAFAEL - Num tô intendênu!

CANÇÃO DA ALFORRIA

TOBIAS -

Us prêtu num vão prá frenti

A genti é iscravu i num é domu da genti

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



RAFAEL -

Vosmecê qué mil dizê u qui a genti ê?

TOBIAS -

A genti ê nêgu

Num tem direitu nem siqué di tê mussêgu

Piô qui burru

Pruqui burru num padéci comu nôis

Burru dá coici...

RAFAEL -

Nôis prá trabaiá só é cum foici...

TOBIAS -

Mas us contra-górpí

Ê u tar di coici qui u nêgu podi dá

RAFAEL -

Tem di tê cabeça prá pensá...

TOBIAS -

Na intilijumença maginá...

Exêmpru: as sinhãzinha daqui são bunitinha...

RAFAEL -

Us branqu óia i num cança di oiá...

TOBIAS -

Aí qui tá!

Mina di ôru

I nessa hora nêgu tem qui dá nu côru

Prá consigui as arforria

Prá si vê livri i vivê nas aligria!

RAFAEL -

Eu queru sê livri

Ma inda num sei u qui são as arforria.

TOBIAS -

Vossa Insolência é mâmu burru

Num guento mais vô dé-lhi um murru!

RAFAEL -

(Repete até...)

Eu queru sê livri

Já intendi u quié qui são as arforria!

TOBIAS -

Górpí i contra-górpí sapecá

Prá minha liberdadi conquistá

PAULA -

Aí! Si êssi nêgu cunsigniessi as arforria

Eu já casava prá vivê nas aligria

proveitá...



TOBIAS -

Mi acabá...

PAULA -

Prá nunca mais eu tã di trabalhá

Só mi isbaldá

Tudu perfeito

Prá ninguém mais aqui ni mim botá defeitu

TOBIAS -

Eu co'as arforria

Também casava prá gozá das tais fulia

Ninguém mais não mandava in mim!

PAULA -

Trabalava ôli só prá mim...

RAFAEL -

Trabáiu prá mim é mêmu u fim!

PAULA -

Coisas boa essas arforria!

TOBIAS -

Ninguém mandá ni mim!

RAFAEL -

Ninguém mais podê mandá ni mim!

PAULA -

Trabalava ôli só prá mim!

Trabalava ôli só prá mim.

FABRÍCIO (Entrando pelo jardim) - O regime em que dona Joaninha me tras, Augusto! Obriga-me a passar em frente à casa dela duas vêzes de manhã e duas de tarde!

AUGUSTO - Isso não é sacrifício para quem ama...

FABRÍCIO - Mas eu não amo, Augusto! Ela me obriga a escrever-lhe cartinhas tôdas as semanas, e com isso lá se vai a minha verba das empadas!

AUGUSTO - E aposto que o Tobias ainda te arranca outros dinheiros...

FABRÍCIO - Finalmente você está começando a me entender! Augusto, pelo amor de Deus, eu preciso de um pretextu mais ou menos razoável para me livrar de dona Joaninha e principalmente de Tobias!

AUGUSTO - Já estou metido nessa aposta com o Felipe, não me ponha em mais complicações!

FABRÍCIO - Meu plano é formidável! Você começa a cortejar dona Joaninha com insistência. Eu então enciumado, furioso e delirante, acuso-a de ser infiel e me despeço dessa malfadada paixão romântica para poder voltar tranqüilamente aos meus patês. (Quer apertar-lhe a mão).

AUGUSTO (Repelindo-a) - Fabrício, você enlouqueceu?

FABRÍCIO - Vamos começar já-já o nosso plano. (Procurando em volta) Onde estará esse danado do Tobias?

TOBIAS (Surgindo num pulo) - Prontinhu! Serviço a la carte!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



FABRÍCIO - Tobias, vais me levar mais um recado a dona Joaninha.

TOBIAS - Frontu, prontinho, prontíssimo!

FABRÍCIO - Diz a dona Joaninha que no sarau de hoje à noite não consinto que ela danse com mais ninguém.

TOBIAS - U recada di meu sinhô é uma carambola qui bati nus meus ôvidu i vai logo pará nus ôvidu di dona Joaninha. Ih!... ela vai ficá satisfeitíssima!

FABRÍCIO - Por que você diz isso?

TOBIAS - Si u siôr tem ciumi dela é purqui gosta... Uhn!... dona Joaninha morri di vontadi di casá!

FABRÍCIO (Para Augusto) - Veja em que abismo estou me metendo! (Para Tobias) - E como é que você sabe que ela tem vontade de casar?

TOBIAS - Pelu zóiu si conheci quem tem lumbriga, sinhô...

FABRÍCIO (Para Augusto) - Estou perdido, Augusto, casamento! (Para Tobias) - Podes ir. Depois eu te recompenso.

TOBIAS - Prontu, prontinho, prontíssimo! (Como distraído, estende a mão).

FABRÍCIO (Para Augusto) - Agora você está vendo onde vai morrer o meu dinheiro das empadas! (A contragosto, põe uma moeda na mão de Tobias).

TOBIAS - Mais prontu, mais prontinho, mais prontíssimo! (Sai para o jardim, serelepe).

AUGUSTO - Bem, está quase na hora do chá, onde é o meu quarto?

FABRÍCIO - Espere! Você ainda não me respondeu! Então, vai me salvar?

AUGUSTO - Problema seu.

FABRÍCIO - Nêsse caso, a partir de agora, guerra!

AUGUSTO - Bravos! Pois então, guerra!

(Amplia-se tema de guerra. Augusto e Fabrício mimam um duelo, enquanto os três escravos: Paula, Tobias e Rafael entram ao ritmo com o chá e os pratos de doces. Em seguida. Donana, Quinquinha, Joaninha e Carolina, bem como Felipe e Leopoldo. Os rapazes ficam num esquadrão, de um lado, e as moças em outro esquadrão, no lado oposto. Cumprimentos marciais. Quando a música (rápida) termina, o que se diz é com traditôriamente doce e ameno. Donana fica ao centro, como fiel da balança).

CAROLINA - Aqui está o seu chá, senhor Augusto.

AUGUSTO (Pegando a xícara e logo provando) - Ui! (Queima os lábios na xícara escaldante).

CAROLINA (Rindo perversamente) - Queimou a xícara, senhor Augusto?

DONANA - Peça já desculpas pela gracinha, Carolina!

CAROLINA - Mas vovó, todos dizem que os jovens românticos têm lábios de fogo! Eu a creditei... (Carolina faz uma breve reverência, mas quando a avó olha para outro lado faz uma careta cômica para Augusto).

QUINQUINHA - Como demorou, senhor Augusto!

AUGUSTO (Olhando para Felipe) - Estava tentando adiar o perigo que corria.

QUINQUINHA - Perigo... aqui? Não entendo.

AUGUSTO - Perigo, claro! Pois não vejo aqui dois olhos que parecem astros de luz e ouço uma voz tão doce que deve causar inveja aos anjos?



CAROLINA - Quinquinha! Acho que agora já entendeu o que o senhor Augusto tanto queria lhe explicar, ou não?

QUINQUINHA - Minha prima, certamente você o entendeu desde o primeiro instante...

CAROLINA - Evidente! O senhor Augusto falou com habilidade e fogo, eu só não entenderia se estivesse querendo fingir para ouvir ainda maiores elogios...

DONANA - Menina!

CAROLINA - Além do mais, querida priminha, sabe-se lá os sinais que não lhe mandaram os pés do senhor Augusto por baixo da mesa?

DONANA - Carolina!

AUGUSTO - Consinta que ela continue, minha senhora!

CAROLINA - Obrigada, muito obrigada! O que o senhor quer é comprar meu silêncio... Pronto, negócio fechado, não falo mais nada.

AUGUSTO - Na minha opinião, senhora Donana, deve-se permitir que as crianças brinquem... (Carolina fecha a cara, emburra. Tema da guerra. Fabrício, acabando de limpar seu prato, avança sobre o inimigo...).

FABRÍCIO - Dona Quinquinha, só posso lamentar a triste conquista que acaba de fazer.

DONANA - Por que? Será o senhor Augusto que conheço.

(As moças se escandalizam, dão gritinhos).

DONANA - Será possível?

FABRÍCIO - Para o Augusto, não há, não houve, nem pode haver amor que dure mais do que três dias.

JOANINEA - Misericórdia!

QUINQUINHA - Que horror!

CAROLINA - Não me surpreende em nada.

FELIPE (Para Augusto) - Agora quero ver você sair desta...

FABRÍCIO - Augusto conquista uma jovem e depois a abandona para correr atrás de outras, que a seguir logo despreza...

FELIPE - Um rematado Don Juan, vovó, é o que o Augusto é.

DONANA - Não acredito que o diabo seja tão ruim quanto o pintam... Senhor Augusto, não quer se defender?

AUGUSTO - Com muito prazer.

BALE DA INCONSTÂNCIA

AUGUSTO - Já que as moças usam sempre três verbos...

CAROLINA - Iscar.

QUINQUINHA - Pescar.

JOANINEA - Casar!

AUGUSTO - Só nos resta conjugar:

FABRÍCIO - Fingir.

LEOPOLDO - Rir.

AUGUSTO - Fugir.

FELIPE - Mas acabamos caindo na rede quando vamos matar a sede.



AUGUSTO - Minhas senhoras, vou me confessar. Sou o homem mais inconstante quando se trata de amar.

QUINQUINHA - Que cínico.

JOANINHA - Ainda vem se gabar!

CAROLINA - Ah! Acredite quem quiser...

AUGUSTO - Para mim, o que de mais belo existe é a mulher!

FELIPE - Grande novidade!

LEOPOLDO - Por um elefante é que não ia se apaixonar...

FABRÍCIO - Mas às vezes por uns bons assados...

AUGUSTO - À mulher eu sou eternamente constante!

QUINQUINHA - Que contradição!

JOANINHA - E no mesmo instante!

CAROLINA - O senhor Augusto é um grande farsante!

AUGUSTO - E se à mulher sou constante não é apenas por ser mulher, mas porque é formosa.

LEOPOLDO - Quer dizer então que as feias...

FABRÍCIO - Segundo todos os indícios...

FELIPE - Apoias então nosso colega Vinicius?

AUGUSTO - Claro! As feias que me perdoem, mas a beleza é fundamental!

CAROLINA - Nisso não vejo mal...

AUGUSTO - Sou fiel, portanto, quando a mulher é formosa, quando ela toda é uma rosa, uma rosa, uma rosa...

QUINQUINHA - Minha côr é natural!

AUGUSTO - Mas há rosas de tantas cores... Vermelhas, brancas, amarelas! Por isso gosto de todas elas! Porque são belas.

JOANINHA - Que bobagem?

CAROLINA - E que linguagem.

AUGUSTO - Sou fiel, portanto, à beleza que encontro em cada mulher. Consigo assim ser constante:

Em uma adoro o olhar,

Em outra o talhe elegante,

Em outra ainda a graça no andar.

Formei assim a imagem

Da completa perfeição,

O belo ideal que venero

Nesse fiel coração.

CAROLINA - Isso é um absurdo!

QUINQUINHA - Já ouvimos demasiado. Vovó, com licença. (Sai).

JOANINHA - Imagine se todos os rapazes pensassem assim! Com quem iriam casar se as moças de família? (Reverência a Donana e vai saindo).

DONANA - Fiquem, meninas, o senhor Augusto está brincando...

FABRÍCIO - Eu te avisei Augusto: Guerra!



FELIPE - Vamos dar uma volta na praia, meu desmoralizado Augusto? Será bom refrescares as idéias até que comece o sarau...

AUGUSTO - Obrigado, mas se minha presença não a aborrecer, gostaria de conversar um instante com Donana.

(Os rapazes se retiram para a praia. Carolina começa a bordar).

DONANA - Com muito prazer, senhor Augusto, embora não acredite nem um pouquinho no que disse...

CAROLINA - Ah! Onde se viu dizer tanta barbaridade? Vovó, o senhor Augusto merece um castigo.

AUGUSTO (Aproximando-se dela, e vendo-a bordando) - A senhora tem uma prenda.

CAROLINA - Prenda que é muito comum. Quem nesse mundo não sabe marcar um lenço?

AUGUSTO - Óra, eu por exemplo.

CAROLINA - Só não sabe porque não quer.

DONANA - Vai querer ensiná-lo a bordar, Carolina?

CAROLINA - E por que não? Ele não merecendo um castigo?

AUGUSTO (Sentando-se ao lado dela) - Pois dê o castigo.

CAROLINA - Sou professora muito raivosa, gosto de usar a palmatória.

DONANA - mais respeito menina.

AUGUSTO - Aceito a condição, com palmatória e tudo.

CAROLINA - Não, palmatória poderia doer muito. Mas de cada vez que errar, eu lhe darei um puxão de orelha.

DONANA - Desculpe, como o senhor disse, Carolina é uma criança.

CAROLINA (Tira da cestinha uma caspaíinha e toca) - Ah! É? Vamos começar a lição.

(Donana, rindo mansamente, afasta-se um pouco).

AUGUSTO - Pois não minha senhora.

CAROLINA - Não sou sua senhora, sou sua mestra.

AUGUSTO - Minha bela mestra, perdão.

CAROLINA - Pegue a agulha. (Dá a agulha e ele pega). - Enfie a linha. (Ele tenta enfiar desajeitado). - Começou mal, muito mal. Sou obrigada a dar-lhe o primeiro castigo. (Puxa-lhe a orelha, ele aproveita para pegar-lhe os dedos).

DONANA - Mas que é isso, Carolina, tenha modos.

AUGUSTO - Ela tem razão, Donana, eu errei.

CAROLINA (Enfiou a linha) - Vamos, agora procure dar uns pontos pequenos, assim, para cobrir o desenho... (Passa-lhe de novo o bordado).

AUGUSTO (Tentando sem jeito) - Assim? Acho que não acerto... Ah! Partiu-se a linha.

CAROLINA - Erro imperdoável. Lá vai outro puxão de orelha. (Puxa-lhe a orelha, ele segura de novo os dedos, olham-se e sorriem).

(Começa tema canção: "Marcarei teu nome").

(Donana sai para o jardim, horrorizada, abanando-se).

CAROLINA - Fique sabendo que vou passar-lhe tarefa para fazer em casa... Na próxima semana o senhor tem que me trazer um lenço inteirinho marcado pelas suas mãos...

AUGUSTO - Então quer dizer que posso voltar no domingo que vem? E que nome devo usar, car, minha bela mestra?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CAROLINA - Escolha... O senhor tem tantos amores. Quer dizer conhece tantos nomes...

AUGUSTO (Erguendo-se) - Não. Já sei.

CANÇÃO "MARCAREI TEU NOME"

AUGUSTO -

Marcarei um nome
Loira ou morena pode ser até ruiva
Escolhendo um nome
Prá minha pequena
Outras morrerão de raiva
Esse nome amado
Ficará gravado
Para sempre na palma da mão.

CAROLINA -

Não convém
Ser fiel
Para quem jurou
Ser cruel
Infidel
Pela vida inteira.

AUGUSTO -

Mas quem foi que disse que eu não sei
Qual o nome que eu marcarei?
Marcarei o nome que amarei...

CAROLINA -

Olhe não se prenda, há quem se arrependa
Não vá entornar o caldo
Loiras ou morenas,
Ruivas, moreninhas,
Aventuras deixam saldo
Como diz a lenda, nobre coração
Por um erro acaba no grilhão

AUGUSTO -

Pois convém ser fiel
Para quem jurou amar só
Uma só pela vida inteira

CAROLINA -

Não acredito no que você diz,
você quer a simples aventura
Só interessa a noite de ternura.

AUGUSTO -

Escolhi certo nome,
Ficará gravado.



CAROLINA -

Qualquer nome grave e some,

Você é um malvado.

AUGUSTO -

Marcarei o seu nome.

CAROLINA -

Com muito cuidado.

AUGUSTO -

Carolina é o nome, é o nome amado...

(Augusto tenta pegar-lhe a mão, ela se esquiva. Donana entra tosse alto).

DONANA - Senhor Augusto, como era mesmo aquela sua teoria sobre a inconstância no amor?

AUGUSTO - Minha teoria, Donana, eu?

CAROLINA (De repente uma fera) - É verdade. A sua teoria, senhor Augusto, já se esqueceu?

AUGUSTO - Mas dona Carolina!...

CAROLINA - Obrigada vovó, ainda bem que a senhora estava aí para lembrar. (Sai soluçando, quase infantilmente).

(As luzes começam a cair anunciando o anoitecer, entardecer).

DONANA - Não repare senhor Augusto, Carolina é muito impulsiva, mas é uma boa menina...

AUGUSTO - Vejo que causei na senhora, e nela também uma péssima impressão ao sustentar por brincadeira aquela teoria sobre a inconstância no amor...

DONANA - Uma teoria muito perigosa, senhor Augusto, que poderia produzir grandes males. Veja bem. Se o seu sistema é bom, deveria ser seguido por todos.

AUGUSTO (Tentando ainda brincar) - É não é?

DONANA - Não é nem poderia ser. Onde iria sentar o sossego das famílias e a paz dos casais, se lhe faltasse a base, que é a constância? Tenho certeza de que no fundo, bem no fundo de seu coração o senhor pensa de maneira inteiramente diversa daquela pela qual se manifestou...

AUGUSTO (Rendendo-se aos poucos) - Quem sabe? Quem sabe a senhora não anda muito longe da verdade?

DONANA - Como folgo eu ouvi-lo dizer isso.

(Tobias aparece no fundo e fica ouvindo).

AUGUSTO - Bem, tudo que disse sobre meu belo ideal era falso. O certo é que sou e quero ser inconstante com todas para poder conservar-me firme no amor de uma só.

DONANA - Isso muito me alegra. E a moça é da Corte? Como se chama?

AUGUSTO - Desejaria tanto saber. Sobre ela, na verdade nada sei.

DONANA - Ora veja, quanto mistério.

AUGUSTO - Confio na senhora, por isso vou contar-lhe o que não contaria a nenhum amigo, de medo que rissem de mim. É a história desse talismã. (Tira do peito um saquinho de pano).



DONANA - Um breve? Que breve é esse?

AUGUSTO - Há dez anos eu o trago comigo... (Entra música do filme). - Eu tinha, então, doze anos... Gostava de ir brincar na praia e gostava mais ainda das praias bem desertas... Do mar bravo... E das ondas, das ondas...

COMEÇA A PROJEÇÃO

FILME: "OS BREVES DO AMOR"

1) Ondas, ondas, ondas. A câmera em Zoon Out mostra ainda a areia e nela um menino de 12 anos olhando, olhando o mar. Ele se volta para a esquerda, olha tudo encantado.

Música Tema do Filme cresce com as ondas.

2) A paisagem que ele vê; uma praia linda, selvagem.

3) O menino olha agora para o outro lado. Sorri com curiosidade.

4) Num ponto não distante da praia, uma menina de 7 anos, olhando admirada para o mar, numa indecisão se entra ou não.

5) O que ela cobiça: uma concha enorme e linda, que as ondas cobrem e depois deixam livre...

6) A menina, em nova indecisão, etc, etc...

(Filme termina, luz volta).

DONANA - Gostei imensamente de ouvir sua história, senhor Augusto, porque ela me mostrou que o senhor tem coração.

AUGUSTO - Nunca mais tive notícias, nunca mais vi minha interessante mulherzinha. Hoje deve estar moça, linda com certeza. Para lhe ser fiel é que sou inconstante com todas as outras mulheres. Mas, e se nunca mais a encontrar? E ela, será que se conservou constante ao juramento que fizemos?

DONANA - (Num sorriso doce) - Deus é grande, senhor Augusto. Ele fará com que o senhor encontre aquela a quem ama. (Dá-lhe a mão, e ele, numa reverência, a beija). (Donana e Augusto saem. Tobias e Rafael saltam ao fundo).

TOBIAS - Ih! Esse negóciu dus brévi branco i brévi azur vai mi dá muntu dinhêru!

RAFAEL - Cê vai dá um contragórpi?

TOBIAS - Nem! As moça mórri di vontadi di sabê dessas história di amô.

RAFAEL - Ah! Tubia, mi dêxa eu ispirimentá tomê um contragórpi.

TOBIAS - Vá lá, dispois eu ti concedu-ti essa portunidade. Cia, lá vem dona Joaninha. Tiscondi qui é pr'eu dá meu contragórpi sussegadu.

(Rafael some no jardim e Joaninha aparece, com vestido de noite).

JOANINHA - Senhor Fabrício!... Ó Tobias, não viu o senhor Fabrício?

TOBIAS - Não síra.

JOANINHA - Então me ajude a procurá-lo.

TOBIAS - Sinházinha! Chi! Eu fiquei sabêndu a história di um moçu.

JOANINHA - Quem é, quem é?

TOBIAS - Uma história romântica, du amô, qui o moçu guarda nu coração...

JOANINHA - Mas quem é?

TOBIAS - U seu Ogusto. A moça qui êli gosta tem um brévi branco qui êli de
era piquemu...



JOANINHA - Um breve branco?

TOBIAS - I ela deu pr'êli um brévi azur...

JOANINHA - Então é êle quem tem o breve azul? Que sorte. (Tira uma moeda e dá para Tobias). - Você merece, Tobias. Deus seja louvado.

(Tobias pega a moeda, dá um pulo e salta para o lugar onde está Rafael, que surge rapidamente para fazer uma cara de profunda admiração. Joanhina vai saindo quando entra Fabrício).

FABRÍCIO (Quer fugir mas não há tempo) - Dona Joanhina... (Inclina-se, beija-lhe a mão fazendo uma careta) - Não quiz descansar?

JOANINHA - Eu, nervosa como estou com sua presença aqui? Meu Deus. E se descobrirem que já nos conhecíamos?

FABRÍCIO - Fale baixo, dona Joanhina.

JOANINHA - Ah! Senhor Fabrício, eu sei o que o aborrece. É o recado que me mandou pelo Tobias.

FABRÍCIO - Não me fale nêsse miserável.

(Tobias e Rafael mostram as caras, divertindo-se. Começa a afinação de instrumentos).

JOANINHA - Mas senhor Fabrício, veja o meu carnet. Já tinha prometido duas, e além do mais chamaria por demais a atenção se dançássemos tôdas...

FABRÍCIO - Diga logo que não tem vontade de dançar comigo.

JOANINHA - Mas, senhor Fabrício, conforme o costume, somente os noivos podem dançar tôdas as contradanças...

FABRÍCIO - Noivos? Nós? Não, isso não pode continuar. Ou a senhora dança tôdas comigo, ou então me verei na obrigação de romper nosso compromisso.

JOANINHA - Pois bem, senhor Fabrício. Já que a isso me força, dançarei consigo tôdas as contradanças. (Agarra-o pelo braço, feliz.).

FABRÍCIO (Saindo com ela aniquilado) - Obrigado, obrigado...

(Surtem Tobias e Rafael).

TOBIAS - Viu só meu contragórpi cumu já deu certu? Ih! Essa história dus brévi vai mi rendê muntu dinhêru.

RAFAEL - Agora dêxa eu uma veiz, dêxa? Eu tomê quêru juntá dinhêru práas minhas ar forria.

TOBIAS - Tá bem. Óia, aí vêm dona Quinquinha i dona Carolina. Ocê fica co'a dona Carolina, qui é mais mansinha.

RAFAEL - A dona Carolina é mais mansinha? Óia, Tubia...

TOBIAS - Ela é mais mansa, sim. Fala co'ela...

(As duas chegaram e conversam cochichando, rindo muito. Rafael e Tobias se separam. De cada extremo cada um faz sinal para uma delas).

RAFAEL - Dona Carolina...

TOBIAS - Dona Quinquinha...

CAROLINA - Que é que êsses negros strevidos estão querendo? Venham cá, que f...
(Tobias e Rafael repetem os gestos, indicando que é segredo. As duas se entrociam e acabam indo).



CAROLINA (Para Rafael) - Está querendo entrar em vara de marcelo?

TOBIAS (Sem deixar Quinquinha falar) - Dona Quinquinha eu sei di um segrêdu.

QUINQUINHA - De quem?

RAFAEL - Dona Carolina, o seu Augusto...

CAROLINA - O senhor Augusto não me interessa.

(Rafael fica desmorteado. Tobias prossegue).

TOBIAS - Dona Quinquinha, u segrêdu é du seu Augusto...

QUINQUINHA - Do senhor Augusto? Diga logo, diga logo...

(Tobias cochicha para Quinquinha e estende a mão. Quinquinha lhe dá uma moeda).

RAFAEL - Dona Carolina, u seu Augusto, tem guardadu um brévi azur, azur...

CAROLINA - Minha Nossa Senhora da Penha! Será possível?

RAFAEL - Sinhazinha mi dênu um dinhêru eu ispricu tudu direitinho.

CAROLINA - Ah! Então você está inventando essa história só para merecer uma moeda, não é?

RAFAEL - Uma moeda piquena, sinhá, piquininha...

CAROLINA - Não dou, não dou seu mentiroso. Chi! Você aí parado, com esse olho arregalado, está direitinho uma mula sem cabeça.

RAFAEL - Eu tô parecênu mula sem cabeça?

CAROLINA (Dando-lhe uma corrida) - Credo em cruz. Vade retro, Satanás.

(Rafael sai pulando esbaforido).

CAROLINA (Acarinhando a soluçante Quinquinha) - Não chore assim, Quinquinha. Para tudo há remédio...

QUINQUINHA (Chorando mais) - O senhor Augusto... ôle...

CAROLINA (Um pouco irritada com a choramingação) - Ah! também, de repente os moços chegam e veem você chorando.

QUINQUINHA (Para de estalo) - É mesmo. Não quero que me vejam assim, desarrumada...

CAROLINA - (Abraçando-a e conduzindo-a) - Venha enxugar os olhos e passar um pouco de pó, num segundo você está linda outra vez...

(As duas sobem rindo para o toilette).

AUGUSTO (Entrando com Leopoldo) - Desconfio que estou todo amassado. Olha.

LEOPOLDO (Examinando-o) - Está ótimo. Aliás, não adianta caprichar muito. Quem nag ceu para vintém nunca chega a tostão.

AUGUSTO - Uhn! Como você está despeitado. Tôda essa inveja só porque consegui impressionar as meninas?

LEOPOLDO - Impressionar? Você as deixou apavoradas.

AUGUSTO - Você nunca vai entender. Com mulher, para dar certo, a gente tem que fazer tudo ao contrário.

LEOPOLDO - Não acho que você esteja indo lá muito bem com dona Joaninha...

AUGUSTO - Engana-se. Se quizesse ficar com ela muito alegraria o Fabrício.

LEOPOLDO - E a loirinha?

AUGUSTO - Dona Quinquinha? Uhn, uhn, interessante...

LEOPOLDO - Qual, você vai acabar perdendo a aposta. E dona Carolina, a moreninha?



AUGUSTO - Primeiro achei que era criança. Depois que era petulante, atrevida...

LEOPOLDO - E agora?

AUGUSTO - Agora não sei mais...

LEOPOLDO - Augusto, Augusto, veja lá...

AUGUSTO - Mas não há perigo. Você sabe, as irmãs dos meus amigos são sagradas para mim. Felipe, já tinha avisado. Tabú.

LEOPOLDO - Eu só queria saber qual delas tem o melhor dote...

(A orquestra ataca a primeira música. Entram num redemoinho: Dona Violante, Felipe e Clementina. Ao fundo, a sala cresce mais e se transforma num salão. Lá, outros convidados já se encontram em palestra com Donana. A música diminui).

VIOLANTE - Clementina, nada de se afastar de mim. Fique sempre aqui pertinho da ma mãe.

FELIPE - Dona Violante, quero-lhe apresentar Leopoldo e Augusto.

AUGUSTO E LEOPOLDO - Encantados!

FELIPE - E a filha de dona Violante, Clementina.

(Eles fazem reverência e se entreolham com admiração pela beleza da moça).

CLEMENTINA - Felipe me fala sempre de seus colegas, que só agora tenho o prazer de conhecer.

VIOLANTE - Ah! São colegas de Felipe? Então estudam medicina?

FELIPE - São os melhores alunos da faculdade. Augusto, então é um verdadeiro es-culápio.

VIOLANTE (Aproximando-se d'ele) - Não diga?... Realmente?...

(Entra a primeira contradança, uma valsa de corrupção).

LEOPOLDO - A primeira contradança. Estou comprometido com dona Carolina, com lice-ça. (Afasta-se rápido).

FELIPE (também precipitadamente) - E essa é minha, dona Clementina, não se esqueça.

CLEMENTINA (Também precipitada, se afastando) - Pois não.

VIOLANTE - Onde vai, menina?

CLEMENTINA - Já havia me comprometido com o senhor Felipe, mamãe.

VIOLANTE - E nem sequer pediu licença?

(Ao fundo os pares se formam e começam a dançar).

CLEMENTINA - Não é isso, mamãe, é que a dança já começou. (Contendo-se) - Com sua licença.

FELIPE - Dona Violante, não a deixamos sozinha, a seu lado o mais brilhante futuro médico de nossa faculdade. (Entra na dança com Clementina).

AUGUSTO (Tentando escapar) - É que eu também...

VIOLANTE - Já que é um grande estudante, o senhor será também um grande médico. Di-ga-me em que ano está?

AUGUSTO (Sempre olhando para o baile) - No quinto.

VIOLANTE - Já cura?

AUGUSTO - Ainda não.

VIOLANTE - Vai ver que é por modéstia. Mas em particular já pode receitar?



AUGUSTO - Ainda não, minha senhora. (Olha, olha, Carolina que ri d'ele nos braços de Leopoldo).

VIOLANTE - Não sei porque, sinto inteira confiança no senhor. Parece-me que será o único a acertar com a moléstia de que sofro...

AUGUSTO - Minha senhora, estou pronto a ouvi-la, mas a hora e o local não são dos mais convenientes...

VIOLANTE - Queira perdoar-me. Estou entendendo. O senhor é moço e está louquinho para dançar.

AUGUSTO - De fato, a senhora me desculpe...

VIOLANTE - Veja, não há menina nenhuma disponível... Nêsse caso, senhor Augusto, eu me sacrifico. (Abre os braços) - Tome-me em seus braços... Valsemos. (Augusto, rígido como um condenado, toma-a nos braços e dão as primeiras voltas. Dona Violante aperta o compasso) - Mais rápido, senhor Augusto. Eu tenho pernas jovens. E sou louquinha, louca, por uma valsa corruptio.

(Corrupia com êle, guiando-o, e mergulham no grupo dos dançarinos que agora vem mais para o proscênio, enquanto êles vão para o fundo. Coreografia geral. Ao fundo entra Keblero e cumprimenta Dona. Ficam conversando. A orquestra fica fora de cena, segundo se entende. Violante e Augusto vêm novamente ao proscênio enquanto os demais recuam, valsando airosamente. Augusto esta tonto, e dona Violante triunfante. Termina a valsa. Os pares ou se desfazem ou conversam entre si e em grupos. Paula, Tobias e Rafael entram e saem trazendo coisas de comer para a mesa).

VIOLANTE - Acredite, senhor Augusto, meus padecimentos são coisas estranhas, originais, eu nunca vi. Tenho uma dor aqui no lombo que o senhor não pode calcular o quanto me alucina. E outra pontada, uma fulguração intermitente, tim... tim... com sua licença... nas partes. O que é que o senhor acha que pode ser? (Êle ainda está ofegante, não pode responder) - Mas vejo que se cansou demais coitadinho. Vamos tomar um pouco de ar fresco.

AUGUSTO - Dispense, obrigado...

VIOLANTE - Absolutamente, faço questão. Eu mesma vou acompanhá-lo ao jardim. (puxa-o, leva-o) - Por um momento vamos trocar de papéis, eu serei a sua médica... E enquanto isso vou lhe contar mais detalhes sobre os males que me afligem. Fique segurado que lhe contarei tudinho, tudo, sem lhe esconder nada...

(Saem para o jardim, Augusto com cara de mártir).

(Dona Violante volta, entusiasmada com o estudante, que não consegue fugir dela).

VIOLANTE - Sinto um peso inexplicável no cangote. São umas tonturas, assim como se tivesse uma argola de ferro apertando-me o crâneo. Olhe, aqui, bem aqui... Circuladamente, compreende? Uma dor muito forte. Meu finado marido, que Deus o tenha em santa guarda, dizia com toda a razão que meus padecimentos exigiam uma junta médica para...

AUGUSTO - Com licença de Vossa Senhoria!

VIOLANTE - Onde vai?

AUGUSTO - Vai começar a quadrilha!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0742 - CEP 90020-025



VIOLANTE - Perverso! Quer me curar pela medicina musical?

(Atacam a quadrilha, Donana e Keblerc dirigem ao fundo, os pares começam o "passeio").

AUGUSTO - Minha senhora, com licença!

(Violante, cerrando os olhos e abrindo os braços, entrando no "passeio". Carolina passa de braço com Leopoldo, ri-se de Augusto. O Galope começa):

KEBLERC - En avant!

(Todos avançam).

KEBLERC - En arrière!

(Todos recuam).

KEBLERC - Tour!

(Dão volta).

KEBLERC - Caminho da roça!

(Pequena confusão na troca. A Moreninha fica cercada por Augusto, perseguido por dona Violante, Leopoldo e Fabrício, este seguido por dona Joaninha).

LEOPOLDO - Agora eu, dona Carolina!

AUGUSTO - Perdão, dona Carolina já estava comprometida comigo!

CAROLINA - Eu? Realmente, eu já estava comprometida...

FABRÍCIO - Comigo!

JOANINHA (Puzando-o de lado) - Assanhado! Eu fico de mal!

FABRÍCIO - Que é isso? É sua prima!

JOANINHA - Se adotou as teorias do senhor Augusto, então... basta! (Retira-se, quase chorando).

DONANA - E como vão os negócios, senhor Keblerc?

KEBLERC - Wunderbar! Agora requerer do Govêrno outra concessão.

DONANA - Mas o senhor já não tem quatro concessões que o enriqueceram?

KEBLERC - Agora concessão original! Exclusivitati para vender limonada indígina no torneira das casas. Lima-Coca!

DONANA - O senhor não acha que o Govêrno devia guardar dessas concessões para os brasileiros?

KEBLERC - Ach! Minha senhora, se fôr esperar pelos brasileiros... povo ainda muito atrasado; desculpe, como colônia...

DONANA - Senhor Keblerc, já proclamamos nossa independência há 22 anos!

KEBLERC - De acôrdo. Brasil ficar com independência proforma e deixar concessões comerciais para nós. Combinato?

DONANA - Não acha que temos imensas riquezas? Recursos naturais?

KEBLERC - Se depender dos brasileiros, recursos vão continuar eternamente naturais... Inexplorados!

FABRÍCIO (Seguindo-a) - Mas dona Joaninha! Olhe a quadrilha! (Consegue que recomen
a dança).

LEOPOLDO - Dona Carolina, há uma hora que...

CAROLINA - Já sei. Mas estou comprometida...



AUGUSTO (Avançando e abrindo os braços) - Muito, muito obrigado!

CAROLINA - ... Com o senhor Keblerc!

(Dona Violante caça Augusto no ar, e saem num galope).

VIOLANTE (Entrando e puxando Augusto) - ... Outra coisa que também me preocupa é a persistência de certas dores no ventre. Não sei se será porque tenho diariamente dificuldades... Enfim, senhor Augusto, agora que me ouviu, quero que com toda a sinceridade me diga se conhece a enfermidade que tenho, e o tratamento que devo seguir. Meu finado marido - Ah! Ieso já lhe disse, meu finado marido achava que só mesmo uma junta de médicos da Sorbonne...

AUGUSTO (Atalhado, desesperado) - Então Vossa Senhoria dá-me licença para falar com toda a sinceridade?

(Os dois estão tão absortos que nem percebem Donana e o senhor Keblerc sentados. Dona Violante fica à frente do alemão).

VIOLANTE - Não só dou licença como exijo! Faço questão! Meu defunto marido...

AUGUSTO - Pois minha senhora, atento a tudo quanto ouvi, concluo que Vossa Senhoria padece de ...

VIOLANTE - Diga, não tenha medo! Deve ser uma doença original, muito fora do comum!

AUGUSTO - Ao contrário, minha senhora, é uma doença mais do que vulgar. Dá nos comilões, nos bebarhões, e em todos os que passam a vida na vadiagem, sentados o dia inteiro...

VIOLANTE - Não devo sentar-me, então?

AUGUSTO - Talvez não convenha dizer o nome da enfermidade em voz alta...

VIOLANTE - Tem razão. Ao ouvido, ao ouvido!

(Augusto inclina-se e diz-lhe uma palavrinha ao ouvido).

VIOLANTE - O que disse?

AUGUSTO - Exatamente o que Vossa Senhoria ouviu.

VIOLANTE (Rindo sarcásticamente) - Ah! ah! ah!... (Para de repente) - Como disse?

AUGUSTO - Hemorróidas. (Ela ri mais e ele vai repetindo num crescendo) - Hemorróidas! Hemorróidas! Quer que lhe prescreva o tratamento conveniente?

VIOLANTE - Menino, tome o meu conselho: procure outro officio, o senhor não nasceu para curar!

AUGUSTO - Talvez não tenha mesmo nascido para médico, mas tenho certeza de que nasci para me divertir! Vou ver se ainda encontro alguma menina para dançar, com licença! (Faz rápida reverência e sai num galope. Dona Violante, querendo demonstrar-lhe sua repulsa, recua em altivez heróica e cai sentada no colo do senhor Keblerc).

KEBLERC - Ó!... Ó!...

VIOLANTE (Tentando erguer-se e sem conseguir) - Perdão, desculpe... Me ajude, Dona na! Atolei no alemão!

DONANA (Ergue-se e ajudando-a) - Calma, dona Violante! Venha agora.

(Num puxão, consegue tirá-la. Keblerc bufa, ergue-se mal humorado. Dona Violante fica no lugar d'ele).

KEBLERC - Mein Got! Vamos para o salão, senhora Donana, bitte!

DONANA - Está bem, Dona Violante, não quer alguma coisa?



VIOLANTE (Abanando-se, irritada) - Nada, nada, obrigadinha.

DONANA - Então com licença, o senhor Keblerc vai fazer daqui a pouco a marcação de outra quadrilha.

PAULA (Apontando Violante) - Ih! Tubia, vamu lá prá dentru! Di repenti êsse pessoá conta di nóis prá Donana...

TOBIAS (Desafiante) - Conta nada. Adispois, eu já tô quaji tirânu as mias arforria! I aí eu vô sê das milícias. (Vai fazer um grande gesto, escorrega, é segurado por Paula).

PAULA (Levando-o devagar, também meio tonta) - Óia u céu... Óia a terra... Óia o tétu... Óia u assofiu...

(Assim que êles saem dona Violante retoma a comezaina e enfia mais doces na bôlsa enorme).

CLEMENTINA (Entrando sem ver a mãe, com uma bala de estalo na mão) - Vamos tirar a sorte na bala de estalo. Segure na ponta. Mas não puxe antes!

FELIPE (Segurando) - Não puxo não! Ao mesmo tempo, meu bem: um, dois e ... três! (A bala de estalo arrebenta, cai um papelzinho. Felipe se abaixa para pegar e dá para Clementina ler).

CLEMENTINA (Lendo) -

Não fique triste, menina,

Com a sua solidão

Pois casa ainda êste ano

Com um mōço bonitão

(Suspira) - Ai!... Que interessante!...

FELIPE - Quer dizer então que devo perder as esperanças?

CLEMENTINA - Mamãe!...

FELIPE - Dona Violante, que prazer! Estávamos à sua procura! A senhora já se serviu?

VIOLANTE - Ainda não, aquêle seu colega horroroso, o senhor Augusto, me empatou o tempo todo.

FELIPE - Nêsse caso, venha provar alguma coisa.

VIOLANTE - Estou sem apetite nenhum... (Dá-lhe o braço, outro para Clementina, chegam-se à mesa. Paula aparece, saltitante. Tobias atrás também eufórico).

PAULA - Sinhôzinhu qué alguma cōsa? (Cantarolando) - Cafuné, cafuné...

FELIPE - Traga refrescos para nós todos. Que é que você tem, Paula?

PAULA (Saíndo) - Nada sinhôzinhu! Tô filiz, filiz...

FELIPE - Que é que ela tem, Tobias?

TOBIAS - Pode-si lá intendê u coração das damas? (Vai sair, tropeça, faz reverência, e ante o olhar ameaçador de Felipe sai pulando. Dona Violante ataca novamente os doces).

VIOLANTE - Estes fios-de-ovos, que gracinhas!

JOANINHA (Entrando com Fabrício) - Assim vamos perder a próxima contratação, Senhor Fabrício!



FABRÍCIO - Um momento, dona Joaninha! Veja, ali... aqueles bem-casados! (Aproxima-se da mesa) - A senhora não considera, uma invenção sublime, unir dois pedaços de pão-de-ló pela meiguice de uma geléia?

JOANINHA (Olhando-o comer, desolada) - Ó, senhor Fabrício!

(Enquanto Fabrício ataca, por seu lado dona Violante não perde tempo. De vez em quando os dois se olham desconfiados).

VIOLANTE (Puxando Clementina à parte) - Quem é esse moço? (Clementina responde-lhe ao ouvido) - Que glutão! Até causa repugnância.

FABRÍCIO (Puxando Felipe) - Quem é mesmo essa velha?

FELIPE - Minha futura sogra.

FABRÍCIO - Parece morta de fome. Aposto como está enchendo aquela bolsa de-bem-casados! (Felipe tenta apaziguá-lo, mas a rivalidade gastronômica é mais forte, e Fabrício se desembaraça de Felipe) - Me deixe, eu tenho certeza, você vai ver! (A dona Violante) - Vossa Senhoria assim não pode servir-se à vontade. Permita que eu segure a sua bolsa.

VIOLANTE - Muito obrigada, ela não me incomoda.

FABRÍCIO - Modéstia sua, eu sei que ela está por demais pesada... (Segura a bolsa)

VIOLANTE (Segurando-a, agora, com as duas mãos) - Não há necessidade, já lhe disse!

FABRÍCIO - Faço questão, minha senhora! (Puxa a bolsa e consegue tirá-la. Coloca-a sobre uma cadeira) - Aficará melhor, e a senhora não precisará se cansar. (A palpa a bolsa e faz piscadelas significativas para Felipe).

VIOLANTE (Contando-se, furiosa) - Minha filha, os colegas do senhor Felipe são realmente muito esquisitos! Veja bem se o senhor Felipe também não é doido!

(Termina outra música).

QUINQUINHA (Entrando com Leopoldo) - O senhor acertou. Meu pai é fazendeiro na Bahia e tem muitas terras no sertão de São Paulo.

LEOPOLDO - Em São Paulo? Então devem ser de pouco valor...

QUINQUINHA - Sim, o que vale mesmo é a mineração de ouro que vovô nos deixou em Cataguzes.

LEOPOLDO - Curioso, sou muito dado a geologia. Adoro minerais!

(Os dois chegam-se à mesa, cumprimentando os outros).

AUGUSTO (Aparecendo com Carolina) - A próxima então é minha?

CAROLINA - Não. Eu não prometi nada!

AUGUSTO - Mas quem cala, consente.

CAROLINA - Ou não quer cometer a indelicadeza de dizer, pela vigéssima vez, não!

AUGUSTO (Para os demais, disfarçando a tábua que levou e que provoca sorrisos)

- Com que então estamos em assembléia geral?

VIOLANTE - Com exemplares de todos os espécimens, desde os mais famintos até os mais ignorantes!

DONANA (Entrando com Keblerc) - ... e a vida hoje está muito materializada,

nhor Keblerc. Basta dizer que as pessoas hoje quase já não se reúnem mais para

na prosa, para trocar idéias, para ouvir música. A propósito, disseram-me que

senhor Leopoldo é exímio pianista.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



LEOPOLDO - Intrigas da oposição...

DONANA - Pois então vamos ouvi-lo, e alguém, é poeta?

CAROLINA - O senhor Augusto, com certeza, é poeta...

AUGUSTO - Ei, minha senhora?

CAROLINA - Imaginação não lhe falta. Vamos ouvir o senhor Augusto! (Puxa-o para o piano, para onde já se dirigiu Leopoldo) - Leopoldo toque a "Dalila", e logo a ing piração do poeta vai surgir...

AUGUSTO - Desculpen, mas eu, de fato, não estava preparado... Aliás, seria absurdo perdermos tempo aqui com os meus pobres versos, quando temos entre nós uma cantora simplesmente extraordinária.

CAROLINA - Que, senhor Augusto? Aquela sua imagem, aquêles seu belo ideal amoroso?

AUGUSTO (Aproximando-se de dona Violante, que continua comendo) - Dona Violante, solista, primeira solista de várias capelas da Córte, dona de uma voz privilegiada!

VIOLANTE (Pondo farinha ao falar) - Eu? Mas como souberam? Isso é coisa de caridade que faço... (Augusto dá-lhe o braço e a traz até o piano).

AUGUSTO - Pois finalmente vamos poder ouvi-la! Vai cantar uma ópera dona Violante?

VIOLANTE - Hoje não. De outra vez. Mas desculpe, senhor Leopoldo estou acostumada a cantar só com a Clementina. Ela vai me acompanhar, sim?

(Leopoldo cede o lugar a Clementina, que por sua vez dedilha).

CLEMENTINA - Estou tão sem estudos, mamãe!

VIOLANTE - Nada de luxos, menina. Vamos, ataque que estão esperando.

CLEMENTINA - Mas o que, mamãe?

VIOLANTE (Sem respirar) - Ah! Desculpen. Vou interpretar uma canção de minha autoria, inspirada nos cuidados que nos dão êseses tescuros que são nossas filhas quando chegam à idade perigosa e então correm os riscos habituais das impiedosas flexa das de Cupido e de outras danosas entidades que costumam atacar os indefesos corações das donzelas.

FABRÍCIO - Pelo menos, enquanto canta não come...

VIOLANTE - Chama-se a canção: "Conselhos de uma mãe"! Clementina, a introdução!

(Enquanto Clementina toca a melosa introdução, Dona Violante assume um ar compungdo e põe as mãos no diafragma, em posição operática. Depois canta).

CONSELHOS DE UMA MÃE

VIOLANTE (Cantando) -

Minha filha, a mulher

Para ser querida

Não deve nunca ser oferecida

CLEMENTINA (Sussurando para ela) - Até parece que sou eu... Cante para lá, se não vão pensar...

VIOLANTE -

Minha filha, para a mulher dar um passo

E que nunca seja um mau passo

O homem deve dar primeiro três passos.



KEBLERC (Inesperadamente, já meio alto) - Assim? (Dá três passos para Violante).

CONSELHOS VIOLANTE -

Jure

Não ser

Jamais oferecida

Querida

Jure

Usar

Sómente o olhar para arranjar

Marido

Não dê nem beijo nem abraço

Antes que o tal caia no laço

E dê mau passo

Não dê mais nada além da mão

Mesmo que ele seja um pão

Fique

Longe

O homem sempre é confiado

Dado

Tina

Miota

Mulher precisa de recato

E tato

Se ela não guarda esse seu prato

Acaba tudo em desacato

E mau trato

Porisso eu digo que a pureza

É o capital de uma mulher

Ser carinhosa mas sem excesso

Guardar a rosa é o processo

O homem sempre foi um louco

Primeiro fala em paraíso

Mas depois de perdido o sizo

Não quer saber de casamento!

KEBLERC -

Môço

Pense

Que o casamento só perdura

Dura

Quando convém

Quando há dinheiro na estrutura

Tura

O matrimônio um puro engano

Só com ouro não traz dano

É um cano

Pois a rotina inevitável

Torna tudo intragável

Môço

Pense

Guarde no cofre o sentimento

Mento

Trate

Logo

De arrumar o seu futuro

Seguro

Não bata um prego sem estopa

Pois a vida não é sopa

Coisa louca!

O bom emprêgo é o de marido

Com o bôlso bem fornido

Bens de família

São garantia

Deixe o decote

Olha pro dote

Pai que não dota a sua filha

Vai fazer dela uma tia

Escolha o sogro, um bom banqueiro

O importante é o dinheiro.

CANÇÃO VIDA EM FAMÍLIA

Três passos!!!

VIOLANTE - Um passinho!

KEBLERC - Mais três passos!

VIOLANTE (Coquete, recuando) - Uma fugidinha! (Cai sentada sobre a sua própria sa).

FABRÍCIO - Santo Deus! Os meus bem-casados, assassina-



VIOLANTE (Erguendo-se, raivosa e descolada) - Ó senhor Keblerc! Com efeito! O senhor é perturbador!

KEBLERC - Ia! Ia! Mas que trazeiro desgovernado!

PAULA (Entra com bandeja, cantando, tonta) - Óia us refrescu!

DOMANA - Não precisa gritar, Paula. Sirva todos.

FELIPE - Proponho agora, segundo a moda romântica, que cada um de nós faça um brinde, pronunciando a letra com que se inicia o nome da mulher amada.

LEOPOLDO - Ótimo, Comece você.

FELIPE - C...

CAROLINA - Grande novidade! Clementina.

LEOPOLDO - C...

CAROLINA - C? Então não haverá outra letra no alfabeto?

QUINQUINHA (Beliscando Carolina) - Ele devia dizer J. de Joaquina, e não C. de Carolina.

CAROLINA - Antipática! E eu com isso?

JOANINHA - Não diz nada, senhor Fabrício?

FABRÍCIO (Mastigando) - Estou tão ocupado... (Não tem outro jeito, espirra) - C. de comida...

JOANINHA - Oh! senhor Fabrício...

CAROLINA - Chegou a sua vez, senhor Augusto! Já que ama a todas as mulheres, proponho uma solução: Beba ao alfabeto inteiro.

AUGUSTO - Ao alfabeto inteiro, então. (Bebe).

TOBIAS (Erguendo uma caneca) - Pissiloni.

RAFAEL - Qui letra é essa, homi?

TOBIAS - Pissiloni, di Paula!

(Carolina resolve fazer pique a Augusto).

CAROLINA - Senhor Fabrício, aceita de minhas mãos um copo de refresco?

FABRÍCIO - Obrigado, obrigado! Não gosto de perder com líquidos, vou diretamente aos sólidos!

CAROLINA - Mas eu faço questão, senhor Fabrício, faço questão.

FABRÍCIO - Obrigado. (Passa estabonadamente pelo braço esticado de Carolina, que segura o copo. Terá sido de propósito, raiva da moça? Todo o líquido vermelho cai sobre Augusto...).

CAROLINA - Perdão, nem sei como aconteceu.

FABRÍCIO - Eu também não... Mas olhem só as calças do Augusto.

(Todos riam).

DOMANA - Trate de catar os cacos, Paula e de limpar o tapete, se não mancha.

AUGUSTO - Assim não poderei ficar... Você não tem uma calça que possa me emprestar, Felipe?

FELIPE - Tenho sim. Vamos buscar. (Para Clementina) - Com licença.

CLEMENTINA - Não se esqueça: a próxima contradança é sua!

FELIPE - Não esquecerei. (Sai com Augusto).



VIOLANTE - Olha os três passos, minha filha!

CLEMENTINA - Já sei, mamãe, já sei!

(Entra música).

JOANINHA - Senhor Fabrício, o senhor me fez prometer todas as danças e agora só quer pensar nos bem-casados... (Puxa-o).

FABRÍCIO - É para esquecer os que não são... ou não será bem-casados... (Sai, suspirando).

DONANA - Vão dançar, meninas. Atenção aos outros convidados! (Reunindo-as) - Vamos, vamos!

(Elas relutam).

CAROLINA - Ah! Vovó, já dancei demais!

QUINQUINHA - E eu de menos! Vamos senhor Leopoldo?

LEOPOLDO - É para já! (Dá o braço às duas, saem. Donana os acompanha, sorrindo).

KEBLERC (Olha para Violante) - Três passos! (Faz).

VIOLANTE (Fugindo para o terraço) - Outra fugidinha...

KEBLERC - Mais três passos. (Faz).

VIOLANTE - Uma fugidona... (Quase que cai). (Saindo) - Sátiro! Cruel! (Sai, e éle atrás).

AUGUSTO (Entrando) - Todos os quartos ocupados! Onde vou trocar de calça?

FELIPE - No jardim... Não é perigoso. (Olha em torno) - Só se for no toilette das moças!

AUGUSTO - E se de repente alguém chega?

FELIPE - É pouco provável, estão dançando, sujeito lerdo! Então quer perder essa oportunidade de penetrar no recanto onde elas, elas! Elas se enfeitam?

AUGUSTO - Lá isso é verdade, vale a pena arriscar... Mas fique tomando conta do caminho, então. (Entra no toilette das moças).

FELIPE - Não demore, senão alguém pode vir. (Põe-se a assobiar a melodia que a orquestra está tocando. Depois deixa-se arrastar pelo ritmo e começa a dançar sozinho, simulando conversar com uma parceira imaginária).

AUGUSTO (Despindo-se) - Que está fazendo, Felipe? Falando sozinho?

FELIPE - Estou conquistando. Ela acaba de me dar o sim (Simula um abraço e um beijo complicado).

AUGUSTO (Já de ceroulas e peito nu). - Não vem ninguém?

(Parou a música da orquestra. Felipe vai espiar à porta. Ouve-se o riso de uma porção de moças falando todas ao mesmo tempo, longe).

FELIPE (Correndo para Augusto) - Augusto, cuidado! Acho que elas vêm para cá.

AUGUSTO (Afobado, enrolando-se na roupa) - E agora? Como é que eu faço?

FELIPE (Voltando à porta) - Esconda-se em algum lugar!

(As vozes estão mais próximas, e as moças aparecem).

AUGUSTO (Procurando em vão) - Esconder, mas onde? Veja no que você foi me meter!

FELIPE - A cama! Não há outro jeito! Esconda-se aí em baixo!

AUGUSTO - E se de repente, elas me descobrem aqui!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone 226.0242 - CEP 90020-025



(Elas estão muito perto. Felipe empurra Augusto).

FELIPE - Já, agora! (Augusto se enfia sob a cama, relutante) - Prometo rezar pela tua alma! (Corre para a porta).

CAROLINA (Entrando e estranhando) - Que é isso mano? Que está fazendo aqui?

FELIPE - Nada, nada!

CAROLINA - Pois já que não está fazendo nada, porque não vai fazer o mesmo em outro lugar. (Felipe sai afobado).

(As outras se retardaram um pouco. Carolina olha suspeitosamente para tudo, descobre Augusto, faz uma expressão de divertimento... Mas, não diz nada às que entram)

CAROLINA (Disfarçando) - Como está quente! Nem parece que estamos em junho...

CLEMENTINA (Indo ao espelho, empoando-se) - Está quente mas divertido! Tenho visto cada uma hoje!

JOANINHA (enfeitando-se também em outro espelho) - Ei também! Que me dizem do vestido de dona Carlota?

QUINQUINHA (Idem) - Mais velho que a Sé de Braga.

CLEMENTINA - Também, naquele corpo de girafa, nada assenta!

QUINQUINHA - Por que será que ela usa vestidos tão fora da moda?

JOANINHA - Compridíssimos, todos.

QUINQUINHA - Com certeza, tem pernas de caniço.

JOANINHA - Pernas finas estão em moda.

CLEMENTINA - Não diga? Como é que vou fazer com minhas pernas? São tão grossas.

JOANINHA - As minhas também.

CLEMENTINA - Não serão tanto quanto as minhas. Vamos medir?

(Augusto esfrega as mãos. Carolina intervém).

CAROLINA - Mas... queridinhas, não acham que poderiam deixar esse concurso para mais tarde?

(Cara contrariada de Augusto).

CLEMENTINA - Que importância tem? Estamos sós. (Reclina-se voluptuosamente e deixa escorregar de propósito uma perna para fora do vestido, mostrando até o joelho) - Ih! Tenho uma vontade de casar logo.

JOANINHA (Mostrando por sua vez) - Acho que ganhei...

(Augusto se espicha para olhar).

QUINQUINHA (Mostrando também) - As minhas são mais torneadas. Então, Carolina, qual de nós três têm pernas mais bonitas?

CAROLINA (Maliciosamente) - Bem... Não sei... Por que não procuram melhor juiz do que eu?

CLEMENTINA - Ih! Quem me dera casar logo, logo...

QUINQUINHA - Isso não é difícil, a julgar pelo que nos dizem os rapazes. Olhe, eu vejo-me deida. Tenho cinco a me atormentarem, e confesso que me correspondo com to dos êles...

CAROLINA (Tentando emendar) - Quer dizer: por brincadeira você gostaria de ver a êles, não é prima?



QUINQUINHA (Inocente do aviso) - Não, eu namoro mesmo, e os cinco de uma vez. Ah! mas ontem me aconteceu uma desgraça. Imaginem que o negrinho que se encarrega de entregar minha correspondência fez uma troca, e entregou a carta do Armando para o Joaquim e do Joaquim para o Armando.

CLEMENTINA (Ainda nervosa e lânguida) - Ai! Quem me dera, quem me dera.

QUINQUINHA - Mas eu sou uma idiota. Conto tudo e vocês nada...

CLEMENTINA - Grande coisa. Se quiserem saber, eu conto tudo também.

CAROLINA - Não, não. Depois...

CLEMENTINA - Bobagem. Agora... eu me comprometi com o Felipe de deixar esta noite, embaixo da quarta roseira que há na rua do jardim, um embrulhinho com uma madeixa de meus cabelos...

CAROLINA - Não faça isso! Algum outro pode pegar...

CLEMENTINA - Como? ninguém vai saber...

QUINQUINHA - Como é sonsa. E você mana não diz nada?

JOANINHA - Eu? O que hei de dizer? Digo que ainda não amo.

CLEMENTINA - É?... E que acha do Fabrício?

QUINQUINHA - Um comilão.

JOANINHA - Não come nada. Você é que é uma língua.

CAROLINA - E o outro colega de Felipe, o Augusto? Que acham d'êle? **Teatro de Arena**

QUINQUINHA - Mais vaidoso que um pavão.

JOANINHA - Está certo que é irresistível.

CLEMENTINA - E como anda cabeludo.

JOANINHA - E você Carolina? O que acha d'êle?

CAROLINA (Sufocando o riso) - Até a pouco, achava que era antipático e pretencioso.

QUINQUINHA - E agora priminha?

CAROLINA - Que é um verdadeiro mártir... (Sai sufocando o riso e olhando de soslaio para a cama).

JOANINHA - Essa não me engana. Pelo jeito se percebe que está caidinha por êle... (Augusto sorri contente).

QUINQUINHA - Ah! Também. O Augusto tem sobre o amor idéias, as mais desagradáveis para o nosso sexo.

CLEMENTINA - Foi o que me disseram, é verdade?

JOANINHA - Dirige galanteios à tôdas, sem excessão.

QUINQUINHA - E se nos vingássemos d'êle?

CLEMENTINA - Boa idéia. Vamos tomá-lo por nossa conta.

QUINQUINHA - Pensemos num meio de zombar-mos d'êle... (Ficam um instante, absórtas. De repente) - Achei. (Inclina-se para as outras e põem-se a cochichar. Augusto estica as orelhas, tentando ouvir.).

(Ouve-se fora um grito de dor).

JOANINHA - Parece a voz de Carolina.

CLEMENTINA - Vamos ver.

(As mãças saem precipitadamente. Augusto livra-se e põe-se de pé, escovando



Vai vestir-se, quando ouve novos rumores. Vai para o canto ainda em ceroulas e dona Violante aparece à porta, seguida por um Keblerc inflamado, de copo na mão).

KEBLERC - (Tentando entrar) - Três passinhos.

VIOLANTE (Pudica) - Não senhor. Um passinho... para trás. (Fecha a porta e suspira aliviada) - Uf! Esses homens... (Vira-se para dentro do quarto de toilette e dá com Augusto, que não sabendo o que dizer faz uma pose de estátua... Dona Violante solta um grito de horror) - Outro homem! Outro homem! (Abre a porta e sai gritando. Keblerc ainda está postado no lado de fora, em atitude militar).

KEBLERC (Militarmente) - Apresentar... armas (Ergue o copo e toma outro grande gole. Depois segue depressa por onde Violante sumiu. Augusto reúne afobadamente suas coisas e sai pelo outro lado. Nela, dona Violante passa ao fundo, perseguida pelo alemão, enquanto de outro lado vem Paula, carregada por Tobias, Rafael, Carolina e Joaquina. Quinquinha a acompanha, e logo os outros: Felipe e Leopoldo, Fabrício e Donana irão aparecendo).

CAROLINA (Sacode-a, abraça-a) - Meu Deus, que será que ela tem?

JOANINHA - Deve ser fraqueza.

CAROLINA - Vamos dar-lhe alguma coisa!

TOBIAS - Vinhu. Vinhu é bão. (Pega uma garrafa na mesa, enche o copo, toma mais um golão).

CAROLINA - Depressa, Tobias depressa.

QUINQUINHA - O vinho é um esplêndido cordial. Faça ela beber tudo Carolina.

(Carolina leva o copo aos lábios de Paula e faz com que ela tome. Mesmo semi-inconsciente, Paula ainda procura por mais. Depois solta um grito esquisito e retoma seu estado de prostração).

CAROLINA - Mas que será que ela tem, vovó?

VIOLANTE - São maleitas. Quem olha para o nariz dela, vermelho dêsse jeito, vê logo que são maleitas!

DONANA - Qual nada, dona Violante, deve ser lombrigas.

VIOLANTE - Absolutamente. São maleitas. Já vi curar-se uma mulher assim com cauda de cobra moida, torrada e depois desfeita num copo de água, tirada do pote velho com um cõco novo e com a mão esquerda pelo lado da parede. É fazer isso já!

RAFAEL - Hum será ataquí di istupô?

TOBIAS - Isso é carraspana, i das braba!

CAROLINA - Seu malcriado!... Minha Paula nunca teve o vício de beber. Que maldade. Eu assim tão aflita e ainda vem gente levantar calúnia sobre a coitada!

(Tobias se escafede. Entra Augusto).

AUGUSTO (Junto de Paula e Carolina) - Ela está mal? Mas assim é que não sara. Deem-lhe ar, ar!

(Carolina gentilmente afasta-se com os outros, Augusto chega-se aos colegas).

PELIFE - Paula está num pileque dos maiores. Mas não diga nada se não minha fica desesperada.

AUGUSTO - Mas temos que dizer alguma coisa.



LEOPOLDO - E para curá-la, bastará receitar um escalda-pés.

FELIPE - Feito. Vamos lá!

(Os quatro, solenemente, tomam posição perante as senhoras. Pigarreiam).

CAROLINA (Entrando com Tobias e Rafael) - Cuidado com o caldeirão de água quente. Está pelando.

QUINQUINHA (Para Tobias à parte) - Veja se consegue pôr este bilhetinho no bolso do senhor Augusto, agora mesmo e sem que ãle veja.

DONANA - Por favor, voltem ao salão. Já que não é nada grave, não vamos abandonar nossos convidados...

(Os rapazes dão o braço às mãças. Keblerc segue dona Violante, meio tonto. Ela dig cutindo com Donana).

VIOLANTE - Como não é grave, Donana? Eu já disse que são maleitas!

DONANA - São lombrigas, dona Violante!

VIOLANTE - Maleitas, maleitas, maleitas!

KEBLERC - Três passinhos, três passinhos, três passinhos...

(Saem todos, menos Augusto, Carolina e os negros).

CAROLINA - Mergulha os pés da Paula na água quente, Tobias!

TOBIAS - Deus mi livri, sinhá! Água tá pelanu! Mergúe os pé dela, Rafaé!

RAFAEL - Tá lócu! Cum licença! (Vai saindo).

CAROLINA - Vocês são uns imprestáveis! Minha Paula vai morrer por culpa de vocês. Deixem que eu mesma faço. (Ela mesma tenta dar o escalda-pés, mas Paula reluta, sem acordar).

AUGUSTO - A senhora, queimando as lindas mãozinhas!

CAROLINA - Ora, que mal há nisso? Foi ela que me criou.

AUGUSTO - Vamos, encarregue-me de fazer o serviço.

CAROLINA - O senhor?

AUGUSTO - Acho que valho ainda menos que os escravos? (Afasta Carolina, delicadamente) - Veja se eu sei cuidar da sua bá... (Principia o escalda-pés, enquanto Carolina se afasta...).

CANÇÃO DO AMOR PRESSENTIDO

CAROLINA -

I

Quem amar não sabe
Foge da paixão
Perde a vida inteira
Morre em solidão
Nem chega a ser feliz
Não tem esperança
Só desencanto...

(Augusto levanta-se, vem a ela)

II

Eu neste meu canto
Abro o coração
Vou pelo destino
Procurando em vão
E se ãsse alguém meu bem
Prender-me a mão
Eu terei no olhar um sorriso.



AUGUSTO -

I

Meu sonho distante
Já está mais perto
Sinto que desperto
Para um novo dia...
Foi, foi um instante só,
Como por encanto
Secou meu pranto

CAROLINA E AUGUSTO -

Encontrar de novo
O meu bem querer
Prá dizer querida, querido
Eu sem você estou só
Triste, sou ninguém
Quero surgir para você
Como um lindo dia!
Novo e para sempre!

(Paula se movimenta).

CAROLINA - Deus seja louvado! Minha bá está acordando!

AUGUSTO - Agora, o que ela precisa é de descanso. Convém mandá-la para o leito.

CAROLINA - Rafael, Tobias, depressa! Levem a Paula para meu quarto. (os dois pegam na negra ainda tonta e vão saindo) - Lá ela descansará melhor e eu ficarei mais tranqüila, porque poderei cuidá-la.

(Nova música entra ao fundo).

AUGUSTO - Posso agora acompanhá-la até o salão? Espero que ainda tenha alguma contradição livre...

CAROLINA - Perdão, senhor Augusto, mas ainda estou preocupada com a Paula. Gostaria de ficar com ela mais um pouquinho. (Movimento).

AUGUSTO (Pegando-a pela mão) - Juro-lhe que agora nada mais tem a fazer, a não ser deixá-la repousar... Venha!

CAROLINA (Relutando gentilmente) - Mas a minha bá... Deixe, senhor Augusto... (Sf-bito espirro) - Atchin!

AUGUSTO - Dominus, tecum. Quer um lenço? (Tira um lenço do bolso e junto cai um papélinho no chão).

CAROLINA (Apanhando-o) - Olhe, caiu do seu bolso...

AUGUSTO - Obrigado. Um bilhete? (Abrindo-o, enquanto Carolina sorri maliciosamente) - Senhor: Uma jovem, que vos ama e que de vós escutou algumas palavras mister-nura, tem um segredo a confiar-vos. Ao raiar da aurora, vós a encontrareis ta das Lágrimas de Amor. Guardai todo o sigilo. (Assinado) - Uma incógnita. incógnita? Quem será?

II

Tudo em mim renasce
É a primavera
Pode ser que passe
Mas ainda não sei
Vai dentro de mim surgindo
um Amanhecer
Sombra e luz deste amor
Que eu vou ter.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone 226.0242 - CEP 90070-025



CAROLINA - O senhor deve ter dito palavras de ternura a tantas que nem sabe mais quem possa ser essa incógnita...

AUGUSTO - Também não exagere, dona Carolina! Mas não posso mesmo adivinhar quem se ja...

CAROLINA - Atchin!

AUGUSTO - Dominus, tecum. (Tira de nêvo o lenço).

CAROLINA (Abaixa-se e finge apanhar outro bilhete) - Outro bilhete, senhor Augusto? Suas inúmeras conquistas o estão transformando numa verdadeira posta-restante!

AUGUSTO - Outro bilhete? Santo Deus!... (Lê) - Senhor Augusto: Uma moça que se interessa por vós, porque guarda junto ao coração um breve branco que lhe deste faz muitos anos, julga ser seu dever prevenir-vos que não ireis encontrar na gruta uma incógnita, e sim, algumas conhecidas que pretendem zombar de vós porque jurastes amar a tódas elas. Por agora, assino-me apenas. Uma outra incógnita.

CAROLINA - O que quer dizer isso, hein, senhor Augusto? Esse breve branco?

AUGUSTO - Quer dizer que quando encontrar a dona dêsse breve terei encontrado tudo... o amor... a paz... a felicidade... (Fitando-a muito) - A senhora... A senhora não saberia alguma coisa? Não poderia indicar-me alguma pista? É a coisa mais importante de minha vida! (Carolina vai levemente recuando. Num ímpeto êle pega-lhe a mão e tenta beijá-la) - Não seria porventura a se...

CAROLINA (Corta-lhe o beijo e a pergunta, com o leque) - Não, não sei de nada... mas como diz vovó, Deus é grande! Ele fará com que o senhor encontre aquela a quem ama... (Carolina sorri, brejeiramente, e afasta-se para o fundo, numa graciosa cox ridinha. Depois, indecisa, pára bruscamente, olha para Augusto, tira uma flôr do peito, como que vai jogá-la, mas enquanto êle se prepara para recebê-la, ela aspira o perfume da flôr, recoloca-a no peito e desaparece...)

(Augusto tem um movimento de raiva, vem ao proscênio. Tobias, ainda meio tonto, acompanhado de Rafael, que procura ampará-lo, aparece espiando. O cenário muda mostrando o exterior da casa de Donana. Música de serenata surge. Uma janela se entre abre, e a Moreninha aparece).

SERENATA

AUGUSTO (Cantando) -

Aquela flôr
Que não me dêste
Magouou meu peito
Perdeu a côr
Sem teu amor
Ai! O carinho
Que não me dêste
Ficou sôzinho
Fechou-se em dor. (Repete).

Se não tem jeito
Nada me dêste
Mostra um pouquinho
Do teu calor
Do teu carinho
Só um tiquinho
Pois o amor
É como a flôr
Morre sôzinho.

(Carolina sorri e joga a flôr que Augusto apanha. Surgem Rafael e Tobias, dos, cantando).



TOBIAS E RAFAEL (Cantando).

Aquêli fôgu
Qui nóis tomêmu
Deu dô d'istômu
Foi um venemu
Aquêli fôgu
Qui nóis tomêmu
Mi deu un nó
Nu meu gogó
Ai! Qui vexâmi!

(Parte orquestral).

(Augusto dá uma corrida em Tobias e Rafael, saindo. Dançando, entram Keblerc e dona Violante).

KEBLERC - Três beijinhos...

VIOLANTE - Por quem o senhor me toma?

KEBLERC - A senhora não estar viúva?

VIOLANTE - Ora, viuvez não é festa! Sou viúva porém honesta.

KEBLERC - Três beijinhos!

VIOLANTE - A viúva que jamais deu trela, fica mais virgem que uma donzela! (Empurra-o, êle cai ao chão).

TOBIAS E RAFAEL (Cantando) -

Aquêli tômbu
Qui tu lhi dêsti
Um bati-fundu
Cabô-si u mandu
Aquêli tômbu
Qui tu lhi dêsti
Magô u bumbu
Océ é uma pésti!

(Keblerc levanta-se e sai perseguindo dona Violante).

PANO RÁPIDO - FIM DO 1º ATO.

SEGUNDO ATO

QUINQUINHA - Vai ser a maior risada...

CLEMENTINA - Zombamos tôdas do Augusto.

QUINQUINHA - Êle pensa encontrar uma e aqui está tôda uma turma!

CLEMENTINA - Bem que merece um castigo...

QUINQUINHA - Don Juan vai se haver coigo!

(Por uma corda amarrada ao alto da pedra, Augusto se precipita entre elas, espalham aos gritinhos).



CLEMENTINA - Meu Deus!

QUINQUINHA - Que é isso!

JOANINHA - Que susto!

AUGUSTO - Eis-me aqui, pronto! Eis-me aqui!

(Vai até a fonte e bebe).

Esta água é encantada

Revelou-me a tratantada

Contra mim arquitetada

QUINQUINHA -

O senhor é um conquistador

Que a tôdas jurou amar!

AUGUSTO -

Então! Como a senhora, no amor

Dediquei-me a enganar...

QUINQUINHA - Eu? Como se atreve?

AUGUSTO (Puxando-a à frente, falando-lhe rápido e baixinho) - A senhora escreve cartas a cinco rapazes, e ainda há pouco o negrinho que faz a entrega se enganou e...

QUINQUINHA (Cortando chorosa) - Chega! Que vergonha, meu Deus!

AUGUSTO - Eu não contarei nada se prometer desistir da guerra contra mim.

QUINQUINHA - Prometo, prometo.

AUGUSTO - E agora não minta: É a senhora a dona do breve branco?

(Quinquinha olha-o no rosto, depois sai correndo mal segurando as lágrimas).

QUINQUINHA - O breve... O breve branco!

CLEMENTINA - Joaninha que será que ela tem?

AUGUSTO (Puxando-a delicadamente pelo braço para o proscênio) - Chegou a sua vez e não adianta fugir. Fique sabendo que aquele embrulhinho, que deixou ao pé da quarta roseira, está aqui, em meu poder... (Mostra).

CLEMENTINA - Era para o senhor Felipe! Quero imediatamente minha mecha de cabelo. (Quer pegar, mas Augusto se retrai e não deixa).

AUGUSTO - Não, não. Só na hora de voltarmos ao Rio, para que não se lembre de inventar vingancinhas contra mim. (Dá-lhe a mão para fazê-la sair) - Mas faço questão de saber: Não é a senhora a dona do breve branco?

CLEMENTINA (Mal segurando o riso) - Breve branco? Que coisa mais antiga! E que é que eu tenho a ver com breve branco? (Ri mesmo e sai).

AUGUSTO - A senhora não precisa ter medo, dona Joaninha, porque em matéria de amor é a única verdadeiramente sincera.

JOANINHA - Obrigada. Mas como sabe?

AUGUSTO - Há um estudante que está ficando louco por ter que gastar o dinheiro das empadas, enviando-lhe cartinhas pelo explorador do Tobias...

JOANINHA - Então o senhor Fabrício não guardou nosso segredo?

AUGUSTO - Ele não a merece, dona Joaninha. Deus dá nozes a quem não tem dentes.

JOANINHA - Mas o Fabrício tem dentes até demais, só pensa em comer. (Chorosa e vai se afastando).



AUGUSTO (Retendo-a) - Dona Joaninha, não será a dona do breve branco?

JOANINHA - Er? Não sou mais dona nem de mim mesma! Um ingrato, o senhor Fabrício! Um ingrato e traidor!... (Sai chorando).

AUGUSTO - Eu fico doido! Nenhuma dessas lindas meninas sabe nada do breve branco! (Pondo-se à vontade, sorrindo) - Ah! Mas precisavam levar esta lição! Vieram buscar lá e saíram tosquiadas...

(Ao fundo da gruta uma luz começa a clarear as paredes fosforescentes, tornando-a uma aparição singularmente fantástica e bela, enquanto ela vai dizendo).

CAROLINA - Alto lá! Senhor Augusto! A tosquia ainda não terminou! Também sou amiga da fada que habita esta gruta, e ela me ordena que vingue as três moças de quem covardemente o senhor zombou...

AUGUSTO - Contra as armas dos seus encantos não tenho defesa, dona Carolina, rendo-me logo.

CAROLINA - Agora vai ter que ouvir. É sobre o passado, o presente e o futuro. Muito cedo o senhor amou

Tinha apenas doze anos

E a menina aos sete anos

Também se apaixonou...

AUGUSTO (Tenta pegar-lhe a mão) - Dona Carolina...

CAROLINA - O senhor está me tomando a saída? O senhor, um cavalheiro?

AUGUSTO - É só para lhe dizer que eu amo...

CAROLINA - Já sei. A sua bela mulherzinha de sete anos de idade...

AUGUSTO - Não, a uma bela moça.

CAROLINA - Já sei. Uma das muitas que o senhor jurou amar durante o baile.

AUGUSTO - Moça que se chama...

CAROLINA - Que impertinente. Não quero ouvir seus segredos.

AUGUSTO - E a senhora, pensava mesmo que eu fosse confessá-los? Logo à senhora?

CAROLINA - E por que não a mim?

AUGUSTO - E por que à senhora?

CAROLINA (Meio desconcertada com a inesperada reviravolta d'ele) - Pois então, não se tem confiança numa professora?

AUGUSTO - Que professora?

CAROLINA - Então não sou sua professora de bordar?

AUGUSTO (Fazendo pique) - É verdade! Minha mestra, minha bela mestra!

CAROLINA - Quer saber de uma coisa? Não sou mais sua mestra, e muito menos sua bela mestra! E também não quero mais aquele lenço que eu havia encomendado...

AUGUSTO - ... Marcado com seu lindo nominho...

CAROLINA - E muito menos quero meu nome marcado no lenço de um... de um... de um bigamo. (Sai correndo e ôle atrás).

AUGUSTO - Dona Carolina! Dona Carolina!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



ESCURECIMENTO

(No quarto dos estudantes, no dia seguinte. Ambiente de valório).

FABRÍCIO - Esse Augusto é um canalha!

FELIPE - Um cachorro!

FABRÍCIO - Não sei o que andou dizendo a dona Joaninha que ela não quer mais falar comigo!

FELIPE - Não sei que coisar êle fêz à dona Violante, que minha futura sogra obrigou dona Clementina a terminar nosso namoro!

(Tobias vem distraído e passa pelos dois).

FABRÍCIO (Dá-lhe uma palmada) - Canalha.

FELIPE (Idem) - Cachorro!

TOBIAS - Quênu us brancu briga, nêgu é qui apanha.

LEOPOLDO - E dona Quinquinha, então, que me dizem? Iamos assim, firmes, de mórno para o quente, quando não sei o que aconteceu.

FABRÍCIO - Pode crêr que foi o Augusto!

FELIPE - E pelo jeito, o miserável vai ganhar a aposta! Namorou tôdas as môças, e não se apaixonou por nenhuma!

(Entra Augusto de bordado não mão, tentando desajeitadamente, marcar um lenço).

(Todos avançam sôbre êle).

FABRÍCIO - Ai está o intrigante!

LEOPOLDO - O desmancha-prazeres!

FELIPE - Você me paga, Augusto! Tem que consertar a situação que você envenenou!

AUGUSTO (Irritado com o lenço) - Não consigo! (Dá um safanão em Tobias) - Também esse alma penada sempre me azarando a vida!

TOBIAS - Num tem mêmu jeitu!

FABRÍCIO - Afinal Augusto, você tem que fazer alguma coisa. Agora que dona Joaninha me virou as costas, vejo que gosto realmente dela. Gosto muito. Quase tanto quanto das empadas.

AUGUSTO (Empurrando-o) - Vai dormir! (Tenta novamente o bordado) - Porcaria!

LEOPOLDO - E dona Quinquinha? Augusto, você tem que fazer ela falar comigo!

AUGUSTO (Empurra-o também) - Sai daí! Se você fôsse mais homem ela estava atrás de você, rastejando! (Retoma o bordado).

FELIPE (Caindo na risada e gozando Augusto) - Mais homem! Olhe só o delicado como êle sabe bordar!

(Num gesto de fúria, Augusto joga o lenço na cara de Felipe, dá dois empurrões em Fabrício e Leopoldo, que caem na cama, e dá um ponta-pé em Tobias, que sai ganindo para um lado).

TOBIAS - Ui, ui, ui!

(Os três rapazes se reúnem para pegar Augusto, mas êle dá um pulo e os três sôbfe Tobias que fica por baixo).

AUGUSTO (Para os três amontoados) - Agora, falando sério. Para resolverem seus assuntos, escrevam cartas, que eu levo à Paquetá em mãos, domingo que vem.



(O bôlo se desmancha, cada qual emerge e procura caneta, tinta e papel).

LEOPOLDO - Eu escrevo já! Quinquinha, Quinquinha, Quinquinha!

FABRICIO - Vou mandar um empadão de notícias para dona Joaninha! Será que ela me perdoa?

AUGUSTO (Ao último que se ergue, Felipe) - Mas, não posso voltar à Paquetá sem ter um lenço bem marcado. Como é que vou fazer?

FELIPE - Vamos pedir para alguém... (Pensa rapidamente) - Já sei! Lembra-se, aquela costureira da casa grande da esquina, aquela viúva, bem sentada?

AUGUSTO - Ah! Aquela opulenta... (Gestos expressivos) - Idéia genial! Vou encomendar o lenço já. (Vai à porta) - Ah! Escreva sem falta à dona Clementina. Quanto à dona Violante, deixe a velha por minha conta.

FELIPE - É para já! Pega também em pena, tinta e papel).

AUGUSTO (Voltando) - Tobias, venha comigo! Que está fazendo aí?

TOBIAS (Mostrando tira do pano cheia de nós) - A Paula... Comu eu num sei isquevê, eu tô mandôvu recadinhu di amô prá ela...

AUGUSTO (Tocando-o fora com batidas da tira de pano) - Negro atrevido, eu te curo! Eu te curo, vadio!

ESCURECIMENTO

(Quando clareia na gruta, no domingo seguinte. Deve ser duas da tarde. Na sombra, Donana desenrola um novelo de lã que Paula distraidamente segura).

DONANA - Não deixe cair a linha, Paula.

PAULA - Tá bem, sinhá... (Corrige-se, mas logo depois novamente se abstrai e a linha arrasta de nóvo no chão).

DONANA - Paula, como você está distraída! Dênde aquela sua doença tão esquisita do domingo passado que você não é a mesma...

PAULO - Por favô, Donana, num fali mais nissu...

DONANA - Aliás, depois de domingo passado parece que todo o mundo perdeu a cabeça nesta casa. A Joaninha, chorou até a hora da partida. A Quinquinha ficou séria de repente. (Suspira) - Ai!

PAULA - I dona Carolina tomô... Tá tão differenti!

DONANA (Suspeitosa) - Não estarão vocês duas atacadas do mesmo mal?

PAULA (Muito séria) - Não sinhá, eu conheçu lugá di nêgu! U mar dela si chama Ogustu, i u meu Tubia.

DONANA - Ora, pois eu sempre pensei que o Rafael...

PAULA - Deus mi livri, sinhá! Aqueli nêgu é santu palerma!

(Entram Augusto, Felipe e Carolina rindo, Tobias atrás)

DONANA - Ora viva, senhor Augusto! Foi preciso que Felipe e o senhor aqui voltassem para ouvir de nóvo uma risada de Carolina!

CAROLINA (Com sua cestinha de bordar) - Não exagere, vovôzinha! O senhor já não é dos mais modestos...

FELIPE - Mas lá pelo Rio aconteceu a mesma coisa! E quem sofreu com o mau Augusto foi o Tobias. (Tobias faz um ar de mártir).



PAULA - Tédinho!... (Levanta-se depressa largando o novelo, vem espiar as mãos de Tobias. Vendo que não prestam mais atenção nêles, puxa-o pela mão e saem, dengosos)

AUGUSTO - Também não exagere, Felipe. Quem ouve você falar até pensa que me transformo num carrasco em dias de melancolia... Não acredite viu, dona Carolina! (Aproximando-se dela. Felipe sai, fazendo um gesto de cumplicidade para Donana).

CAROLINA - Bem, para saber se o senhor sentiu mesmo saudades da nossa ilha, tenho um meio fácil de apurar: trouxe o trabalho que prometeu?

AUGUSTO - Qual?

CAROLINA - Então esqueceu...

AUGUSTO - Já sei... Posso dizer?

(Ela se volta para êle, num sorriso, êle canta).

REPRISE "MARQUEI TEU NOME"

AUGUSTO (Cantando) -

Eu marquei seu nome...

CAROLINA -

Marcou? Que bom!

AUGUSTO -

Eu marquei sei nome

minha bala mestra

minha linda menina!

CAROLINA -

Foi? Carolina?

AUGUSTO -

Eu marquei seu nome...

(Êles se sentam, então enlevados).

CAROLINA -

Bem caprichadinho.

AUGUSTO -

Claro, com todo o carinho

já que em meu caminho

apareceu você

(Êle tenta novamente pegar-lhe a mão, ela se esquivava).

CAROLINA - Palavras, palavras, tudo bonito, mas quero ver o lenço.

AUGUSTO - Está aqui.

CAROLINA - Então mostre.

AUGUSTO (Tirando e mostrando) - Pronto, não está lindo?

CAROLINA - Eu quero saber quem foi que marcou o lenço!

AUGUSTO - Bem, eu...

CAROLINA - Não precisa dizer, já sei: foi uma mulher, uma outra moça que marcou ê te lenço para depois o senhor vir aqui zombar de mim!

AUGUSTO - Mas dona Carolina!

DONANA (Intervindo) - Carolina, que é isso?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone 226-0742 - C.F.P. 90028-025



CAROLINA (indo a ela) - Olhe só a marca, vovó! Eu queria um nome todo mal feito, que me provasse que ele se tinha esforçado por fazer a tarefa que passei. E veja o que ele trouxe! Com certeza foi tomar lição com outra mestra, que deve ser até mais bonita do que eu! (Cai em pranto) - Ele tem outra mestra, vovó. Outra bela mestra!... (Sai correndo, enquanto Donana e Augusto, ficam sem saber que fazer).

DONANA - Senhor Augusto...

AUGUSTO - Dona Carolina!... (Para Donana) - Minha senhora, eu, francamente... A se-
nhora a quem encomendei o lenço é idosa, tão idosa!

DONANA - Tem certeza?

AUGUSTO - Idosíssima, está caindo aos pedaços!

(O cenário girou e Carolina está entrando no gabinete das moças, onde Paula arruma as coisas. Chorando, precipita-se nos braços dela).

CAROLINA - Ele tem outra mestra, Paula. Ele tem outra mulher!

OUTRA MULHER

CAROLINA -

Agora, eu sei,

Augusto tem, outra mulher,

Me desprezou, ludibriou, nunca pensei

Prá que mentir, prá que enganar, a mim também

Agora, eu sei

Augusto tem, outra mulher

Que eu já gostasse, tanto assim, nunca pensei

Não me confomo,

O amor não é uma flôr

Matou o senho, virou dor, desamor...

Eu tenho raiva, o meu ciúme explodiu

Esse Augusto me traiu

Não me quer...

(Cantam juntas, melodias e ritmo diferentes).

CAROLINA E PAULA -

Passa a dôr, como o vento,

Com o sono e o tempo

A tristeza, não perdura

E o amor de nôvo se abre em flôr.

CAROLINA -

Agora eu sei, Augusto tem outra mulher...

(Repetindo indefinidamente).

ESCURECIMENTO

(No quarto dos estudantes, durante a semana seguinte, Felipe, Fabrício e Leopoldo, cada qual em seu canto, absórtos em seus pensamentos. Num outro cantinho, Tomás, muito lânguido e melancólico, parece acompanhar o estado de espírito geral,



FELIPE (Num suspiro) - Ela é linda!...

LEOPOLDO (Idem, depois de pausa) - Ela vale muito para mim!...

TOBIAS (Idem) - Prá mim ela é iscura cumu a nôte, porém cheia di istrela!...

FELIPE (Idem) - Não é mesmo, Leopoldo?

LEOPOLDO - Pois não é? Linda!...

FELIPE - Uma preciosidade!...

TOBIAS - I cariôsa!...

FABRÍCIO - Mas afinal, de quem vocês estão falando?

LEOPOLDO - Dela!

FELIPE - Dela!

TOBIAS - Dela!

FABRÍCIO - Negrinho atrevido! Que dela é essa?

TOBIAS - Ah! U siôr sabi... (Relutante) - A Paúla...

FELIPE - Quem?

TOBIAS - A Paúla, a bá da dona Carulina...

FELIPE - Mas o nome dela não é Paula?

TOBIAS - Paula é un nomi muntu vurgá. I a Paula é tão diferenti dessas ôtra qui an da pur ai!

LEOPOLDO - Diferente é a palavra certa. Ela é tão única!

FELIPE - Única e singular!

FABRÍCIO - Mas afinal de quem vocês estão falando?

FELIPE - Clementina.

LEOPOLDO - Quinquinha.

TOBIAS - Paúla.

(Fabrício, Leopoldo e Felipe, põem-se a perseguir Tobias pelo quarto, como no Prólogo, gritando).

FABRÍCIO - Que Paúla, que nada.

LEOPOLDO - Couro nêle.

FELIPE - Moleque metido.

(Batem à porta).

FABRÍCIO (Em cômica dramaticidade) - O destino bate à porte!

LEOPOLDO (Idem) - Pois que entre.

TOBIAS - É cobrança ou pidaça.

(Tobias vai sorrateiramente abrir. Keblerc entra quase caindo, pois já se preparava para bater, e não percebe que abriam a porta).

KEBLERC - Mein Gott!

FELIPE - Ora, o senhor Keblerc. Quanta honra.

LEOPOLDO - Entre, fique à vontade.

FABRÍCIO - Não repare, isto é uma república.

KEBLERC - Xá foi proclamatô? Em 1844?

FELIPE - Uma república dentro da monarquia, e viva o nosso Imperador D. Pedro II.

KEBLERC (Erguendo-se) - Fifa!



OS OUTROS - Viva!

TOBIAS - Governa qui num mi dê as arforria, qui morra.

KEBLERC - Onde estarr senhorr Augusto?

OS TRES (Berrando) - Augusto!

TOBIAS - O limão tá li!

(Augusto surge do banheiro, em colete, penteando-se).

AUGUSTO - Como vai, senhor Kblerc?

KEBLERC - Trago notícias de casa. Notícias de seu pai.

AUGUSTO - Como? Estêve lá?

KEBLERC - Estou xeganto da fazenda. Prreciso falarr com senhorr.

AUGUSTO (Erguendo-se, ligeiramente apreensivo) - Que aconteceu? Alguém doente?

KEBLERC - Falarr a sós.

(Os outros três preparam-se, e vão saindo).

FABRICIO - Bem, eu ia mesmo à aula.

PELIPE - E nós íamos estudar na biblioteca...

LEOPOLDO - Até a vista. Venha sempre, herr Kblerc.

KEBLERC - Tanke ahñn.

(Os três saem. Tobias disfarça querendo ficar para ouvir).

AUGUSTO - Tobias? Não escutou o senhor Kblerc?

TOBIAS - Quñnu essi alimão, fala, eu num cumprendu nada.

AUGUSTO (Forte) - Saia!

(Num pulo Tobias se escafede).

TOBIAS - Cruis, credu.

AUGUSTO - Então, o que aconteceu, senhor Kblerc?

KEBLERC (Cantando) -

O queston é delicato...

Mas eu ten que dar recato

Meu filho, seu pai na roça

E focê aqui no troça

Seu pai estar furrioso

Nem manda mais mesata

Se continua no gozo

Se só pensa em namorata.

AUGUSTO - Mas não tem nada demais!

KEBLERC - Seu pai non quer. Prroibito namorar.

AUGUSTO - Estou apenas me distraindo.

KEBLERC - Ele non quer distraçon, quer antençon.

AUGUSTO - Não sei que desgraça persegue os filhos, que sempre tem que ter um pai.

KEBLERC - E proibicon especial: Paquetá.

AUGUSTO (Tocado) - Por que Paquetá?

KEBLERC - Ele xá sabe de seus fisitas constantes, os festas, os sábatos e domingos, sem estudar... Non quer, pronto, não querr.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0222 - CEP 90020-025



AUGUSTO - Não quer? Pois muito bem. Então também não quero. (Senta-se na cama, deita-se).

KEBLERC - Já tei o recato. Desculpe, mas seu pai petiu.

AUGUSTO - Obrigado. Agora faça o favor de lhe dar meu recado de volta.

KEBLERC - Non posso. Ton cêto non viaxo parra fazenta.

AUGUSTO - Acabo de me deitar nessa cama, e daqui não vou mais sair para nada. É greve. Greve total. Não estudo. Não como. Não durmo. Não nada. E greve de estudante é fogo, senhor Keblerc. (Puxa o cobertor, enrola-se, cobre a cara e deixa o pé de fora).

KEBLERC - Não! Nada? Ach! (Sei digno).

ESCURECIMENTO

LEOPOLDO (Também) - E com isso você está perdendo a aposta, Felipe. A febre está livrando Augusto de se apaixonar.

FELIPE - Sobre isso não digo nada. Sabe-se lá o que se está passando na cachola de Augusto nesse momento?

(Todos olham para êle indagativamente. Escurecimento progressivo. Filme).

FILME OS DELÍRIOS DE AUGUSTO

ESCURECIMENTO

(Um domingo a seguir em Paquetá. Carolina, está melancolicamente sentada no alto da pedra, tendo Paula melancolicamente postada de pé, embaixo. Ambas olham o horizonte à esquerda)

CAROLINA - Mais um domingo... Será que êle não vem?

PAULA - Será?

CAROLINA - E aquela canoa?

PAULA - Incostô na arena.

CAROLINA - Será Augusto?

PAULA - Aqueli pontu pretu... Será u Tubia?

(As duas ficam tensas, olhando um momento, depois marcham).

PAULA - Num é. Di nôvu u alimão.

CAROLINA - Que será que êle vem fazer aqui outra vez?

KEBLERC (Aparecendo pela praia, saúda) - Esperrança!

(Sem entender muito bem, Carolina responde com outro gesto e fica olhando para êle interrogativamente. Paula o acompanha até a sala, onde é recebido por Donana).

DONANA - Ora viva, senhor Keblerc. Trás boas notícias do senhor Augusto?

KEBLERC - Felizmente estarr melhorr. O tificil agorra é sugurrar senhor Augusto no cama.

DONANA - Como assim?

KEBLERC - Primeiro querria grefe, non saiu do cama até ficarr munto toente. Depois o senhorr pai tâle chegarr e fendo seu estado te saúte resolveu seguir conselheiro mético...

DONANA - E como vai êsse velho ranzinza?



KEBLERC (Solenemente) - A senhora frau Tonana, em nome do senhorr, pai do senhorr Augusto, eu ter o honra te pedir o mão de sua neta Carolina.

DONANA - Mas que surpresa! Conte tudo senhor Keblerc, conte tudo. (Pega-lhe o braço, vão saindo para outra sala) - Quanto a mim não resolverei nada, senhor Keblerc. Quem terá de decidir será a própria Carolina. Em nossa família adotamos sempre o sistema de não impôr nenhuma escolha, deixamos que fale sempre o coração...

(Paula que estava ouvindo, sai pulando contente)

KEBLERC - Non estarr cerrto, frau Tonana. Primerra tefe falarr o razão. O tinhêrra.

DONANA - E, é o senhor quem me diz isso? Não me pede notícias de dona Violante?

KEBLERC - Tona Fiolante. Wunderbar, formitáfel, frau abundante. (Saem).

(Paula chega correndo à gruta).

PAULA - Dona Carolina! Imagine dona Carolina... (Dá com Augusto, que vem vindo da praia, lentamente muito pálido, encostando-se à uma bengala. Atrás Tobias).

AUGUSTO (Num acêno) - Dona Carolina... (Ela o fita emocionada, depois dá-lhe as costas) - Carolina...

(Ela se ergue devagar, não diz nada. Tobias avança um pouco).

TOBIAS (Baixinho) - Padra... Óia eu aqui.

(Paula dá-lhe as costas. Depois não resiste, olha de nôvo. Tobias faz-lhe um sinal maroto e Paula sorri. Outro sinal, e eles vão para detrás da pedra, Paula por dentro da gruta e êle por fora, enquanto Carolina desce da pedra, e se encaminha para dentro de casa. Augusto simula um mal estar).

AUGUSTO (Apoiando-se à bengala dramaticamente) - Tobias... estou mal. Me acuda.

(Carolina volta-se imediatamente e ampara-o, enquanto Tobias aparece, vê que êle já está acudido e some de nôvo com Paula).

CAROLINA (Amparando-o) - Senhor Augusto, que tem?

AUGUSTO (Sentindo-se aconchegado) - Agora nada... estou bem. Maravilhosamente bem. (Ela cai em si e se afasta bruscamente).

AUGUSTO - Dona Carolina, aonde vai?

CAROLINA - Avisar vovó de sua chegada. (Caminha).

AUGUSTO (Segue-a, súbitamente bom) - Não faça isso, Felipe veio com os colegas em outra barca, já deve ter avisado. Mas a senhora não diz nada... Leio censuras nos seus olhos... Talvez indiferença.

CAROLINA - Quem estêve quinze dias ausente, sem nenhuma palavra não merece melhor tratamento que êste.

AUGUSTO - Então não lhe contaram nada? Não lhe disseram que estive mais de dez dias doente?

CAROLINA (Emocionada além do que desejaria) - Ó meu Deus. Mas já está bem melhor, não é assia?

AUGUSTO (Sentando-se agora ao lado dela) - Ótimo, ótimo, demais.

(Paula aparece esbaforida detrás da pedra, seguida por Tobias).

PAULA - Seu Ogustu, eu num possu co'êssi seu nêgu.

CAROLINA - Que foi, bá? Não fique assim nervosa.



AUGUSTO - Que foi seu senvergonha?

PAULA - Seu Augusto, ôli mi deu um bêju dêsti tamanhu i adispois mi pidiu prá casá co'ôli. (Treme).

AUGUSTO (Rindo) - E você o que respondeu?

PAULA - I o siôr acha qui'eu vô mi casá cum nêgu iscravu? Eu, não!

CAROLINA (Para Augusto) - Não sei se já sabia, mas Paula foi alforriada por vovô desde que serviu de bá. Pare de tremer, Paula, que coisa!

TOBIAS - Ih!... Dispois que us moçu brigaru co'as moça, num entrô mais dinhêru ni-nhum, vai levá u tempão pr'eu podê compra mi'as arforria... Cê ispera eu, né, Paula. Ispera né?

(Rafael vem surgindo, bobão sempre).

RAFAEL - Ispera nada.

PAULA (Tremendo mais) - Num ispero. Assim qui sinhãzinha casé, eu caso tomêm. (Lembra-se de repetir). - Sinhá. Ih! U alimão tá cumbersãnu cu Donana, é u pai du seu Augusto qui mandô pidi a mão di sinhãzinha.

CAROLINA (Para Augusto) - Senhor Augusto! (Começa a tremer).

AUGUSTO (Estendendo-lhe a mão) - Carolina...

CAROLINA (Disfarçando a emoção com raiva) - É o senhor teve a coragem de mandar terceiros falar com minha avó, antes de me consultar? (Treme mais).

AUGUSTO - Eu estava gravemente doente, foi meu pai quem tomou a iniciativa, vendo que eu não sarava se continuasse a contrariar essa paixão.

PAULA - Ih! Sinhãzinha. A siôra tomêta tá co'a tremederá. Êssi negôçu di casamentu dá mãmu uma fricção na genti (Sai muito dengosa para Rafael, provocando Tobias, que segue atrás indignado e ameaçador contra Rafael).

CAROLINA (Procurando dominar-se) - Então o senhor me pede para sua espôsa...

AUGUSTO - Em seus lábios está a minha sentença, que pode ser de vida ou de morte.

CAROLINA - Veja como eu tinha razão quando profetizei que não estava longe o dia em que o senhor havia de esquecer a sua mulher.

AUGUSTO - Mas eu nunca fui casado.

CAROLINA - Então já se esqueceu da espôsa a quem prometeu amor eterno aos doze anos de idade?

AUGUSTO - E a culpada de tudo isso quem é? Se a senhora não existisse...

CAROLINA - Por mim não seja. Faço questão que o senhor cumpra a palavra que empenhou quando criança.

AUGUSTO - Isso é impossível, meu coração agora é seu.

CAROLINA - Por quanto dias?

AUGUSTO - Para sempre.

CAROLINA - Isso disse o senhor à ela, anos atrás. No entanto, aqui está perjuro e re-perjuro. Não, não o senhor vai casar com sua espôsa.

AUGUSTO - Está bem. Só não entendo uma coisa. Se as suas intenções eram essas, então por que animou a inclinação que eu lhe demonstrei?

CAROLINA - Simplesmente para satisfazer minha vaidade de môça. Soube da aposta



o trouxe aqui, gabando-se de que suas paixões não duravam mais do que três dias, e por isso decidi vingar a injúria que o senhor fazia a todo o sexo feminino.

AUGUSTO - Deve estar orgulhosa, agora. Venceu completamente. Aqui estou eu, entregue em suas mãos.

CAROLINA - Estou vingada e bem vingada, e o senhor trate de cumprir a promessa que fez à menina sua esposa, como é de seu dever.

AUGUSTO - Não... Não... Já não há futuro para mim. Vou abandonar tudo, esta ilha, os estudos, este País... Quero sumir. Adeus dona Carolina.

CAROLINA - Vai-se embora... JÁ?

AUGUSTO - E para sempre.

(Afasta-se lentamente, cabisbaixo, Carolina volta-se para vê-lo).

(No salão, tendo Clementina ao piano, dona Violante dá uma audição especial para Keblero, que a contempla fascinado. Num canto, Joaninha e Fabrício. Em outro, Leopoldo e Quinquinha. Como sempre dona Violante não canta: urra. Felipe, cara fechada, vira as páginas da partitura, ao lado do piano).

VIOLANTE (Canção urrante).

FABRÍCIO - Dona Joaninha?

LEOPOLDO - Dona Quinquinha?

JOANINHA - Eu não devia dar-lhe atenção.

QUINQUINHA - Não insista senhor Leopoldo.

LEOPOLDO - Quero ouvir seu juramento.

FABRÍCIO - Rei de merecer o seu perdão.

JOANINHA - Como penitência, quero que passe, quatro vezes por dia em frente a minha janela.

LEOPOLDO - Jure que nunca mais dará atenção a outro homem.

QUINQUINHA (Rindo e pegando-o pela mão) - Isso é impossível. O senhor está tão diferente, que já é outro. Já não me pergunta mais pela fazenda de meu pai, que aliás é pobre e não tem nada.

LEOPOLDO (Puxando-a para fora) - Que fina observadora a senhora é. Agora só o que me interessa é o ouro de seus cabelos. (Saem).

FABRÍCIO (Depois de relutar) - Está bem, prometo. Quatro vezes por dia.

JOANINHA - E as empadas? Acha que eu valho menos do que elas?

FABRÍCIO (Com entusiasmo) - Nunca, nunca.

JOANINHA (Pegando-o pela mão) - E os bom-bocados? Os quindins? Os paês-de-ló e os alfenins?

FABRÍCIO (Para ao andar, indecisão, breve) - Alfenins... aquelas baças de côco, clarinhas repuxadas?

JOANINHA - Aquelas!

FABRÍCIO - Elas dissolvem na bôca... doces... docinhas...

JOANINHA - Então...

FABRÍCIO (Puxando-a para fora) - Não podemos deixar os alfenins de fora?

JOANINHA (Desvencilhando-se e saindo com êle atrás) - Decida, os alfenins ou eu?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 216.0242 - CEP 90020-025



(Dona Violante dá mais uns urros e depois um grande berro final. Keblerc aplaude violentamente, sôzinho, enquanto Felipe e Clementina se olham apaixonadamente e se dão as mãos).

KEBLERC - Brafo! Brafo! Kolossal!

VIOLANTE - Clementina! Que é isso? Já não proibi? (Interpõe-se entre os dois) - Com licença senhor Felipe, minha filha não é para estudantes de medicina, e muito menos para colegas do senhor Augusto.

CLEMENTINA - Mãe, por favor.

VIOLANTE - Rico.

KEBLERC (Intervindo) - Tona Fiolante ein moment, bitte (Puxa-a para um aparte, e enquanto isso os dois aproveitam para fugir de mãos dadas) - Tona Fiolante, a senhora precisa comprehenderr o corraçôn tos apaixonatos.

VIOLANTE - Não tenho nada que entender. Ela é uma menina e os estudantes uns grosseirões.

KEBLERC (Tentando acariciá-la) - Mas tona Fiolante, quanto amorr romântica principia...

DONANA (Entrando) - Ch! Perdão se venho interromper.

VIOLANTE - Nada, nada.

DONANA - Senhor Keblerc, como vão as concessões?

KEBLERC - Eu agora querria mais uma, frau Tonana.

DONANA (Com amável ironia) - Mais outra? Os senhores quando chegam ao Brasil ficam insaciáveis.

KEBLERC - Eu querr concessôn tona Fiolante. Frau maravilhosa.

VIOLANTE (Puzando-o para fora) - O senhor me deixa encabulada, herr Keblerc.

KEBLERC (Acompanhando-a, pára) - E como estarr messo aquela histórria to seus molégtias?

VIOLANTE - Ah! Herr Keblerc, uma coisa original, nunca se viu. Aquelas dores de que falei, que me perseguiam no lombo, agora deram para saltitar pelas minhas axilas... assim... (Faz cócegas nêle) - Dando-me umas cócegas terríveis.

KEBLERC (Repetindo nela o gesto) - Assim? Assim?

(Os dois saem rindo, fazendo cócegas um no outro).

DONANA (Sentando-se, digna, tranqüila, mas com ligeira preocupação na voz) - E Carolina, minha santa virgem? Dai-lhe juízo, poderosa mão de Deus. Muito juízo. (Começa a rezar baixinho). - Ave Maria cheia de graça...

(Na gruta estão como o deixamos: no gesto final de partir, Carolina tem um impulso, chama-o).

CAROLINA - Senhor Augusto (Ele se volta esperançado. Ela recua) - Sim, deve partir. O senhor jurou encontrar a menina a quem jurou amor eterno.

AUGUSTO - Ah! Se eu a encontrasse.

CAROLINA - Que faria?

AUGUSTO - Eu lhe diria: "Perdoai-me, não posso mais ser vosso espôco. Tomai o prego da que me destes"... (arranca do bolso um breve azul).



CAROLINA - O breve azul? O breve que contém a esmeralda?

AUGUSTO - A senhora o conhece? Como o conhece?

CAROLINA (Tira do seio outro breve) - Talvez o senhor também conheça este breve.

AUGUSTO - O breve branco! (Descose-o) - O meu camafeu! (Ajoelha-se e beija a mão de Carolina) - Carolina, minha esposa, amor meu. (Ela afaga-lhe os cabelos, enlevada. De repente êle se ergue desconfiado) - Mas por que motivo não me mostrou antes este breve? Será mesmo seu?

CAROLINA (Manhosa) - Eu só queria ver até que ponto você era infiel.

AUGUSTO - Eu, infiel?

CAROLINA - Pronto, tive a certeza. Nunca mais vou ter confiança em você. Você não cumpriu o que jurou quando éramos crianças.

AUGUSTO (Tentando abraçá-la) - Carolina, que loucura é essa?

CAROLINA (Quase chorando) - Você é inconstante, você me traiu...

AUGUSTO - Você e a minha esposa-menina, são a mesma pessoa.

CAROLINA - Então você me traiu comigo mesma. (De choro ela passa a sorrir francamente, enquanto Augusto a abraça e a afaga como se fôsse uma criança).

DONANA (Entrando) - Senhor Augusto! Carolina!

CAROLINA - Não se impressione, vovó. Nós já somos conhecidos antigos...

AUGUSTO - Tenho o prazer de apresentar-lhe minha mulher, com quem me casei aos doze anos de idade.

(Paula, Rafael e Tobias aparecem no fundo).

DONANA - Eu não disse que o senhor Augusto a encontraria? Deus é grande, senhor Augusto.

AUGUSTO (Numa alegria transbordante) - Tobias, dêste momento em diante és um homem livre.

TOBIAS (Correndo a beijar-lhe a mão) - Ó, sinhô, Deus lhe abençoi.

AUGUSTO - Homem livre não cai de joelhos Tobias. Liberdade é de pé, homem! (Empurra-o, Tobias, fica pulando, pega em Paula e canta).

OS DOIS NEGROS

Já ganhei as arforria,
ria, ria, ria, etc.

(Rafael de cara triste)

RAFAEL -

I eu vô ficá prá tia,
tia, tia, tia.

FELIPE (Entrando com Clementina) - Mas que gritaria é essa? Aconteceu alguma coisa? (Os negros param de pular. Fabrício, Joaninha, Leopoldo, Quinquinha, Keblerc e Vio lante, vão chegando).

DONANA - Até que aconteceu! (Mostra Augusto e Carolina abraçados) - Veja o resultado de você enfiar os seus colegas dentro de casa... casamento.

TODOS (Circundando os noivos) - Parabéns! Viva!

AUGUSTO - Então Felipe, arrependido?



FELIPE - Eu não. Ganhei um cunhado e ganhei uma aposta.

FABRÍCIO - É mesmo! A aposta!

LEOPOLDO - Augusto, perdeu a aposta.

FELIPE - Perdeu a aposta e tem que pagar. Vai escrever uma comédia musical...

CAROLINA - E como se chama a comédia, maridinho?

AUGUSTO - Perdão, já está pronta. Acabamos de escrevê-la, nós todos, chama-se A MO
RENINHA.

TODOS CANTANDO

(Momento de enlêvo dos dois. Em seguida, todos retomam PAQUETÁ).

PAQUETÁ

Paquetá, Paquetá

Que saudades vai dar

Dessa história de amor, Paquetá

Das meninas daqui, Paquetá

Você vai se lembrar...

- F I M -

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone 226.0242 - CEP 90020-025

